



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Ciências Humanas – IH
Departamento de Geografia – GEA
Trabalho de Conclusão de Curso

A HABITAÇÃO NO PLANEJAMENTO PARA OS JOGOS RIO 2016

FLENIS CLEITON DE SOUZA

BRASÍLIA-DF

2014

FLENIS CLEITON DE SOUZA

A HABITAÇÃO NO PLANEJAMENTO PARA OS JOGOS RIO 2016

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Geografia, Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Nelba Azevedo Penna.

BRASÍLIA-DF

2014

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Ciências Humanas – IH
Departamento de Geografia – GEA
Trabalho de Conclusão de Curso

FLENIS CLEITON DE SOUZA

A HABITAÇÃO NO PLANEJAMENTO PARA OS JOGOS RIO 2016

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Geografia, Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Nelba Azevedo Penna

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Nelba Azevedo Penna

Departamento de Geografia – Instituto de Ciências Humanas – GEA/IH/UnB

Prof^a. Dr^a. Shadia Husseini de Araújo

Departamento de Geografia – Instituto de Ciências Humanas – GEA/IH/UnB

Prof. Dr. Fernando Luiz Araujo Sobrinho

Departamento de Geografia – Instituto de Ciências Humanas – GEA/IH/UnB

Aprovado em ____/____/_____

RESUMO

Atualmente as grandes cidades do mundo se veem em uma constante busca por investimentos estrangeiros. Parte destes investimentos pode vir após a realização de grandes eventos, como os Jogos Olímpicos. As cidades aproveitam a visibilidade trazida pelo evento e tentam oferecer seus melhores atributos aos investidores internacionais, utilizando-se do agressivo planejamento estratégico para conseguirem isto. O Rio de Janeiro está passando por esta experiência, pois será sede da Olimpíada de 2016. Várias obras serão necessárias à realização do evento, inclusive a construção de milhares de unidades residenciais. Em edições anteriores, as residências deixaram um legado à população. Será que com o caso carioca acontecerá o mesmo? O presente estudo tenta encontrar algumas possíveis respostas a esta e outras questões correlatas. Para isso, foi necessária a análise dos documentos relacionados à candidatura da cidade a sede da olimpíada, aliada à pesquisa dos dispositivos legais e de algumas políticas públicas no setor habitacional nas três esferas de governo. Tudo isso somado a algumas questões geográficas pertinentes à atual discussão sobre as cidades. Esboçamos, então, um cenário onde as eventuais respostas são colocadas de maneira a reafirmar a diferença entre os ricos e pobres na municipalidade carioca. O planejamento com o qual o evento foi pensado está centrado na exibição das partes turísticas da cidade para o contexto internacional, levando, inclusive, a cidade a direcionar a maior parte dos investimentos para áreas já bastante ricas, onde, por exemplo, as unidades residenciais construídas para o evento serão destinadas às classes mais abastadas. O evento, desta forma, não ajudará a diminuir o alarmante déficit habitacional onde ele é mais flagrante, nas classes mais pobres.

Palavras-chave: Habitação. Rio de Janeiro. Jogos Olímpicos.

NOTA DO AUTOR

As imagens creditadas à Getty Images tiveram seus direitos adquiridos para a publicação neste trabalho. As demais imagens e figuras utilizadas neste estudo constituem elementos integrantes de documentos públicos, sendo, portanto, de domínio público.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 – As quatro regiões onde os Jogos Olímpicos acontecerão, com destaque para a Barra da Tijuca, onde se situará a maior parte dos estádios e a principal Vila Olímpica do evento..... 22
- Figura 2 – Ilustração retrata o alto padrão dos apartamentos que estão sendo construídos na Vila Olímpica da Barra da Tijuca..... 38
- Figura 3 – Perspectiva da fachada do complexo que abrigará a vila destinada aos profissionais da imprensa e aos árbitros durante os Jogos Olímpicos de 2016. Em construção na zona portuária, o projeto faz parte de uma grande parceria público-privada que visa reestruturar aquela parte da cidade..... 40
- Figura 4 – O interior das habitações possuirá requinte e sofisticação equiparável a um hotel de três estrelas. As unidades serão vendidas por meio de financiamento do Fundo de Previdência dos Servidores da Prefeitura do Rio de Janeiro e poderão ser ocupadas já a partir de 2017..... 40
- Figura 5 – Entre duas importantes vias da região, a Lagoa de Jacarepaguá e a área do Autódromo Nelson Piquet, localiza-se a Vila Autódromo, conforme pode ser visto na porção esquerda da imagem. Para os Jogos Olímpicos Rio 2016 toda a área do autódromo será tomada por instalações necessárias à realização do evento. Parte da Vila Autódromo será preservada, já que algumas famílias decidiram continuar no local..... 43
- Foto 1 – Milhares de barracos tomam a encosta de um morro na Zona Sul carioca, evidenciando décadas de descaso com o planejamento urbano. No detalhe é possível ver a precariedade da habitação..... 26
- Foto 2 – Embora de alvenaria, estruturas não têm condições adequadas de saneamento. Há acúmulo de lixo e falta arejamento adequado às construções..... 27

- Foto 3 – Um dos pórticos de entrada da primeira Vila Olímpica. O conjunto abrigou os atletas e demais envolvidos na realização dos Jogos Olímpicos de Paris, em 1924..... 29
- Foto 4 – A vila construída para os Jogos Olímpicos de Atenas 2004 a um ano do início do evento. A vila olímpica cresceu tanto que passou a ter status de grande bairro planejado, devendo-se integrar da maneira mais harmoniosa possível à estrutura da cidade..... 30
- Foto 5 – A cidade de Barcelona, que tanto sucesso fez quando da realização dos Jogos Olímpicos em 1992, teve seu planejamento copiado por várias cidades do mundo, como o Rio de Janeiro. No primeiro plano, parte da orla revigorada com obras construídas para a Olimpíada de 1992, como o Porto Olímpico..... 32
- Foto 6 – A região de Homebush Bay em março de 2000, onde foi construída a maior parte das instalações que serviu à realização dos Jogos Olímpicos daquele ano em Sydney. Ao fundo, os estádios e centros de treinamento; no primeiro plano, a vila olímpica, composta por mais de duas mil casas..... 33
- Foto 7 – A vila olímpica de Londres dois anos antes da Olimpíada de 2012. Ainda durante a construção, a maior parte dos imóveis foi vendida a preços subsidiados pelo governo britânico. A região agora está totalmente integrada à dinâmica da cidade..... 34
- Foto 8 – O início da construção da Vila Olímpica da Barra da Tijuca. Em foto de abril de 2013 é possível identificar os três primeiros edifícios sendo erguidos em uma área pertencente a uma empresa privada, que construirá o complexo com subsídios do governo. À esquerda, a Lagoa de Jacarepaguá; ao fundo, a barra e o mar..... 37
- Foto 9 – A precariedade da maior parte das habitações da Vila Autódromo em condições não ideais de infraestrutura e oferta de serviços públicos..... 48
- Foto 10 – Um dos conjuntos habitacionais construídos com recursos do Programa Minha Casa Minha Vida em parceria com a Prefeitura do Rio. Mais de cinquenta mil famílias já foram beneficiadas pelo programa..... 51

Foto 11 – Algumas das ações do programa Morar Carioca, que se propõe intervir em todas as favelas cariocas até 2020, melhorando as condições de vida das pessoas por meio de ações na estrutura urbana dos assentamentos, como a implantação de sistemas de esgoto, limpeza e pavimentação de vias de circulação..... 52

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Art.	-	Artigo
CF	-	Constituição Federal
COI	-	Comitê Olímpico Internacional
EUA	-	Estados Unidos da América
FIFA	-	Fédération Internationale de Football Association
IBGE	-	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Inc.	-	Inciso
MP	-	Ministério Público
Nº	-	Número

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1	
OBJETIVOS/MÉTODOS.....	11
CAPÍTULO 2	
OS JOGOS OLÍMPICOS	13
2.1 O RIO DE JANEIRO E OS PLANOS PARA SEDE OLÍMPICA	17
2.2 A HABITAÇÃO NO PLANEJAMENTO PARA OS JOGOS OLÍMPICOS.....	20
2.3 O DÉFICIT HABITACIONAL NO RIO DE JANEIRO	25
CAPÍTULO 3	
O QUE É UMA VILA OLÍMPICA?	29
3.1 O DESTINO DAS VILAS DE JOGOS ANTERIORES	32
3.2 AS VILAS PARA OS JOGOS OLÍMPICOS DO RIO DE JANEIRO	35
3.3 A INTERVENÇÃO NA VILA AUTÓDROMO	42
CAPÍTULO 4	
A CONSONÂNCIA ENTRE O PLANEJAMENTO PARA O EVENTO E AS	
TENTATIVAS ESTATAIS DE CUMPRIMENTO DE METAS	45
4.1 CONTRAPARTIDAS: PROGRAMAS E AÇÕES GOVERNAMENTAIS NO	
SETOR HABITACIONAL.....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS	56

INTRODUÇÃO

O município do Rio de Janeiro tem a segunda maior população do Brasil. Após apenas de São Paulo, o Rio conta hoje com uma população de mais de 6 milhões de habitantes, segundo o Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Suas características geográficas, principalmente no que diz respeito à morfologia do relevo, trazem peculiares desafios no que cabe às políticas de planejamento urbano quanto à ocupação de grandes áreas da cidade.

A história do município é cheia de reveses. O Rio teve momentos áureos no passado, atravessou algumas décadas de decadência, principalmente depois da transferência da capital federal para Brasília, e, nos últimos anos, tem experimentado uma fase ímpar em sua história.

Anos de ocupação desordenada trouxeram sérias consequências para a fama da cidade. A principal delas diz respeito à questão da segurança, uma vez que a peculiar organização espacial da cidade em grandes áreas de favelas afastou o Estado do controle destas áreas, o que possibilitou o surgimento de um poder criminoso, paralelo ao do Estado, que foi responsável por conflitos urbanos que vitimou inúmeras pessoas.

Desde a última década do século passado, o Rio tem se voltado para um planejamento que visa estruturar melhor a cidade, torná-la mais acessível, dinâmica e humana, e, principalmente, mais atraente ao capital estrangeiro. Para isso, inspirados pela experiência de Barcelona quando da realização dos Jogos Olímpicos em 1992, as atenções governamentais voltaram-se para o planejamento da cidade de maneira que pudesse dar ao Rio visibilidade internacional para a atração de investimentos, principalmente ser capaz de organizar grandes eventos, como os Jogos Olímpicos.

Iniciou-se, então, uma aproximação com planejadores catalães para que pudessem, a partir da experiência de Barcelona, tentar aplicar ao Rio de Janeiro os métodos e técnicas utilizados nos estudos que compuseram o planejamento implantado na capital catalã.

Desta forma, a partir do início da década de 1990, iniciaram-se planos e ações que objetivavam tornar o Rio de Janeiro uma cidade de visibilidade no mundo no que diz respeito ao planejamento estratégico, atraindo investimentos internacionais e turistas estrangeiros. A intenção seria a de colocar o Rio de Janeiro em uma vitrine, em lugar de destaque no cenário global, fazendo dela um grande negócio: a cidade seria, pois, vendida com produto. Produto que se supõe bastante lucrativo.

Surgiu, assim, a ideia da candidatura da cidade à sede dos Jogos Olímpicos de 2004. Depois de uma empreitada frustrada (foi eliminado ainda na fase preliminar), o Rio viu, de longe, Atenas ser escolhida sede para a primeira olimpíada do milênio. Alguns anos depois, lá estava o Rio de Janeiro novamente, no processo de escolha da sede para os Jogos Olímpicos de 2012. Naquela ocasião, também ficou pelo caminho. Na fase preliminar, de novo. Àquela época, Londres sagrou-se campeã e iria sediar pela terceira vez o evento.

Em 2007, uma nova candidatura começou a se consolidar. Desta vez mais estruturada, conseguiu chegar à grande final. E, enfim, em 2009, a candidatura brasileira pôde comemorar a vitória sobre as cidades de Chicago (Estados Unidos da América – EUA), Tóquio (Japão) e Madri (Espanha).

No Dossiê de Candidatura, há uma série de compromissos que a cidade assume para a realização do evento. No caso carioca, a maioria deles está ligada a intervenções urbanas de grande porte, principalmente na área de transporte público, meio ambiente e habitação.

No que diz respeito à habitação nos Jogos, os planos são de construção de quatro vilas espalhadas pela cidade, sendo a principal delas na Barra da Tijuca. Elas acolherão dezenas de milhares de pessoas, entre atletas e técnicos, dentre outros segmentos envolvidos na realização do evento. Considerando que na maioria das edições anteriores a estrutura habitacional construída para a olimpíada deixou um legado para a cidade, como será no Rio de Janeiro depois de 2016? A histórica e peculiar trajetória do déficit habitacional na cidade poderá ser atenuada com o planejamento idealizado para os Jogos Olímpicos? Estas e outras questões poderão ser respondidas por meio deste estudo.

CAPÍTULO 1

OBJETIVOS/MÉTODOS

O presente estudo objetiva analisar o planejamento habitacional que integra os planos da cidade para sediar os Jogos Olímpicos em 2016. Estaria o planejamento em consonância com as aspirações da cidade para o futuro próximo?

Este trabalho foi concebido a partir da leitura do *Dossiê de Candidatura do Rio de Janeiro a Sede dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016*. Visto sob uma perspectiva geográfica crítica, o Dossiê serviu de base para uma ampla pesquisa de cunho qualitativo, utilizando-se de fontes bibliográficas e documentais. Como houve significativas mudanças entre o inicialmente proposto com o que realmente está sendo materializado, haja vista que um dossiê trabalha com estimativas e conceitos, outros documentos mais atualizados serviram para a continuidade da pesquisa, como relatórios divulgados pela Prefeitura do Rio de Janeiro e pelo Comitê Organizador dos Jogos Rio 2016, os quais foram utilizados à medida que iam sendo disponibilizados.

O material pesquisado também foi composto pelas mais relevantes leis e demais dispositivos pertinentes à questão do acesso à moradia e do ordenamento territorial urbano aplicados ao caso carioca. A exploração das fontes possibilitou a elaboração de algumas respostas que se colocam diante do problema analisado: a possibilidade de as unidades habitacionais da vila olímpica do Rio de Janeiro servirem como legado aos estratos sociais mais necessitados, diminuindo o histórico déficit de moradias na capital fluminense. As respostas se supõem plausíveis e tentam nos ajudar na compreensão deste fenômeno pelo qual passa a cidade do Rio de Janeiro, de grandes intervenções estruturais, para a realização dos Jogos Olímpicos de 2016.

A proposta é válida quando se tem em vista que a realização dos Jogos Olímpicos será um marco histórico para o Rio de Janeiro. Impactará, portanto, diretamente todos os habitantes da cidade em suas rotinas, além da estrutura da cidade em si, devido às inúmeras intervenções previstas. Impactará, porém, ainda mais contundentemente, nas pessoas que estarão sujeitas a alterações drásticas em suas vidas, uma vez que algumas das obras para a Olimpíada deslocarão inúmeras famílias de suas atuais residências.

Após as competições esportivas, há de se levar em consideração o que realmente ficará como legado para a cidade. A partir daí, começamos a nos questionar o que, de fato, foi pensado para atender às necessidades da população carioca no curto e longo prazo. Além de todas as arenas esportivas, os investimentos feitos em infraestrutura, principalmente a ligada

aos transportes, chegaremos à questão do destino das unidades residenciais construídas para abrigar as delegações de atletas e técnicos.

No planejamento olímpico, a acomodação tem um peso enorme: abrigar, da maneira mais confortável possível, todos os envolvidos na realização do evento. Neste sentido, desde há algumas décadas, as cidades que sediam os jogos olímpicos apelam à construção de vilas para abrigar os atletas e demais delegações. Quando o evento termina, a destinação das unidades residenciais tem sido, invariavelmente, a de servir de moradia para famílias. Tem-se, portanto, um legado no setor habitacional para a cidade que realizou o evento.

Paralelamente, propõe-se buscar respostas para algumas questões que se colocam diante do fato: será que o destino das habitações construídas para a Olimpíada, a chamada Vila Olímpica, poderá contribuir para amenizar o déficit habitacional na cidade do Rio de Janeiro? O planejamento habitacional para os Jogos Olímpicos de 2016 atenderia aos dispositivos legais para a universalização do direito à moradia? Qual o legado deixado pela Olimpíada ao setor habitacional no Rio de Janeiro? Quais são e qual é o alcance das possíveis políticas compensatórias que visam à democratização do direito à moradia no âmbito da municipalidade carioca?

Ainda, abordaremos alguns dados do déficit habitacional na capital fluminense, analisaremos a distribuição espacial dos investimentos previstos para a realização da olimpíada na cidade do Rio de Janeiro, bem como os projetos previstos para a construção das moradias que servirão à realização do evento e seu possível enquadramento nas políticas governamentais de provimento de moradia.

Traçaremos, ainda, algumas perspectivas históricas que levaram o Rio de Janeiro a apresentar o atual e alarmante déficit habitacional; posteriormente, abordaremos o planejamento para o evento olímpico, focando, logicamente, no possível legado deixado pelas vilas que serão construídas e, por fim, traçaremos algumas perspectivas que nos permitam concluir sobre a herança deixada pela realização dos Jogos Olímpicos para o setor habitacional carioca.

CAPÍTULO 2

OS JOGOS OLÍMPICOS

Os Jogos Olímpicos têm seu primeiro registro datado de 776 A.C. Inicialmente as competições esportivas juntavam-se às artes em culto aos deuses da Grécia Antiga. A cidade de Olímpia era o palco das festividades. Àquela época haviam outros jogos, mas os de Olímpia eram os mais expressivos e atraíam pessoas de todas as partes da Grécia. Eram tão importantes que cessavam, inclusive, as eventuais hostilidades para a celebração pudesse acontecer em paz.

O movimento olímpico moderno foi um esforço do francês Pierre de Coubertin, que usou do seu status de barão para poder trazer à modernidade as celebrações disputadas na antiga Grécia. Composto apenas de competições esportivas, o evento teve sua primeira edição moderna realizada em Atenas, capital grega, em 1896, com nove modalidades. Desde então, a cada quatro anos os principais atletas do mundo se reúnem em uma cidade-sede para as competições, as quais foram suprimidas durante as grandes guerras mundiais (as edições de 1916, 1940 e 1944 foram canceladas).

Ao longo dos anos, o evento foi ficando maior e mais oneroso, sendo, inclusive, motivo de déficit nas contas públicas das cidades que o abrigavam. Mas, ainda assim, cidades do mundo inteiro se inscreviam para poder ter a chance de realizar o evento.

O grande marco deu-se com a realização dos XXIII Jogos Olímpicos da Era Moderna, em Los Angeles, Estados Unidos, em 1984. Pela primeira vez na história olímpica, o evento trouxe lucro aos realizadores. Acirrou-se ainda mais a disputa pelas cidades sobre a possibilidade de realizar uma edição olímpica.

Atualmente, os Jogos Olímpicos são o maior e mais complexo acontecimento do mundo. Nenhum outro evento realizado pela humanidade envolve mais pessoas e movimenta mais recursos do que os Jogos Olímpicos. Comparando com outro grande evento mundial, a Copa do Mundo da *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA), temos a noção da magnitude olímpica. Por exemplo, o maior recorde de venda ingressos da Copa do Mundo foi em 1994, nos Estados Unidos da América (EUA), quando foram vendidas 3.587.538 entradas¹. Dois anos depois, também nos EUA, registrou-se a maior quantidade de espectadores nos estádios da Olimpíada de Atlanta, em 1996, 8.384.290 ingressos vendidos².

¹ FIFA World Cup competition records (a referência completa está no final do trabalho).

² The Official Report of the Centennial Olympic Games: Atlanta 1996 (ver referência completa no final do trabalho).

A diferença entre os números chega a quase cinco milhões de pessoas. O número de voluntários das Olimpíadas também é muito maior que o das Copas do Mundo: a Copa deste ano no Brasil selecionou 14.000 voluntários (número recorde na história do evento); nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016 o número poderá chegar a 70.000, conforme os respectivos Comitês Organizadores. Claro que nesta conta não entra o pessoal contratado pelos organizadores especificamente para a realização dos eventos, o que adicionaria mais alguns milhares aos números já mencionados. Quando chegamos aos custos, mais um abismo enorme: a olimpíada de verão mais cara já realizada foi a de Pequim, em 2008, com custo final de aproximadamente 40 bilhões de dólares (cerca de 76,54 bilhões de reais, considerando a cotação de setembro de 2008)³; a Copa do Mundo do Brasil será a mais cara de todas já realizadas, com custo que já supera os 26 bilhões de reais (ou 11,45 bilhões de dólares nos valores atuais)⁴.

Por meio destes poucos exemplos podemos ter uma noção da grandiosidade que envolve os Jogos Olímpicos. Sem sombra de dúvidas, o maior evento da humanidade. No Brasil há quem discorde, defendendo a Copa do Mundo como o maior evento do planeta. Entretanto, não podemos nos esquecer que estamos num país de um esporte só, o futebol, diferentemente de grande parte dos países, onde há maior pluralidade quanto à prática esportiva, tendo, inclusive, políticas públicas mais eficientes e eficazes. A monocultura esportiva do Brasil às vezes atrapalha uma análise mais acurada dos fatos.

O programa olímpico disputado no Rio de Janeiro será composto por 28 esportes, distribuídos em 41 modalidades disputadas em 27 estádios diferentes alocados em quatro regiões espalhadas pela cidade. Acorre à cidade-sede a cada edição quase meio milhão de pessoas, entre os envolvidos no evento e os turistas. Estritamente ligados à olimpíada estarão mais de dez mil atletas, vinte mil profissionais de imprensa, além de milhares de árbitros e técnicos.

Sediar uma olimpíada é um esforço hercúleo. Além de prover toda a estrutura necessária à realização das competições esportivas, os estádios permanentes, os temporários, os locais de treinamento, cabe à cidade-sede destinar a todos acomodações adequadas enquanto durarem as atividades relacionadas aos Jogos, o que significa construir vilas e hotéis (no caso carioca, a construção de novos empreendimentos hoteleiros será feito por linhas de

³ Segundo reportagem publicada no sítio da revista Bloomberg Business Week na internet em 2 de jan.2014. A mesma reportagem traz a comparação com o evento mais caro da história da humanidade, os Jogos Olímpicos de Inverno de Sochi, na Rússia, em 2014. O valor final do evento teria ficado em torno de 51 bilhões de dólares, ou 114,31 bilhões de reais, considerando o câmbio de abril/2014.

⁴ Conforme O Estado de S. Paulo em reportagem publicada na internet em 4.mar.2014.

financiamento específicas por parte do Governo Federal). Além disso, a cidade tem que antever os possíveis problemas relacionados ao deslocamento de todos, pois os atletas, jornalistas, técnicos e árbitros precisam estar em seus respectivos postos na hora certa e o público tem que estar em seus assentos antes de determinada competição começar. Tudo isso demanda um planejamento enorme no que diz respeito ao planejamento urbano. Muitas cidades reorganizam sua estrutura de transporte público em função dos Jogos Olímpicos, inclusive com expansão da rede de ônibus, trens e metrô, como ocorre atualmente com o Rio de Janeiro.

Como a disputa é bastante acirrada, a cidade que se pretende olímpica deve ser referência em urbanismo, com todas as instalações dispostas funcionalmente, servida por uma ampla e eficiente rede de transporte público que seja capaz de suprir à alta demanda de passageiros e vias de circulação que sejam fluidas e não apresentem grandes congestionamentos. Além disso, deve ter soluções inteligentes para os problemas ambientais e ser segura, dentre inúmeros outros atributos. Por este motivo, realizar uma olimpíada custa muito caro, o custo final chega facilmente às dezenas de bilhões.

A maior parte do custo total diz respeito às obras de infraestrutura realizadas na cidade em decorrência dos Jogos Olímpicos. Cidades que sediaram o evento anteriormente (mais recentemente Sydney, Atenas e Pequim, por exemplo), tiveram que inaugurar novos aeroportos, novas estações de trens e metrô, abrir centenas de quilômetros de novas ruas, despoluir baías e cursos d'água e implantar rigorosos sistemas de qualidade do ar. Várias outras intervenções urbanas foram feitas para que a cidade se tornasse mais atrativa aos olhos dos turistas. O fato da visibilidade trazida pelo evento faz com que as cidades se preocupem em mostrar o que elas têm de melhor, visando à atração de investimentos internacionais, seja por meio de um maior fluxo de turistas, seja pela implantação de escritórios e empresas estrangeiras.

Cabe, ainda, esclarecer que desde 1988 a cidade-sede de olimpíada recebe, duas semanas após o fim do evento, a paralimpíada. Os Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro ocorrerão de 7 a 18 de setembro de 2016 e serão realizados nas mesmas instalações que abrigarão a Olimpíada. Trata-se do maior evento multiesportivo do mundo destinado a atletas que possuem deficiência física e/ou mental. Desta maneira, todo o planejamento para o evento se torna mais complexo, uma vez que todas as estruturas construídas para os Jogos Olímpicos deverão ser dotadas de facilidades de acesso aos atletas e público com necessidades especiais, visando, principalmente, à realização dos Jogos Paralímpicos. Algumas intervenções na

cidade, sob esta perspectiva, também devem ser feitas para tornar a locomoção das pessoas com deficiência mais fácil.

2.1 O RIO DE JANEIRO E OS PLANOS PARA SEDE OLÍMPICA

O Brasil já havia manifestado o desejo de ser sede olímpica. Mais recentemente, para os Jogos do ano 2000, Brasília esboçou um esforço para realizar o evento. Muito controversa à época, a tentativa sucumbiu à falta de apoio interno. Antes da candidatura para a Olimpíada de 2016, o Rio de Janeiro já tentara sediar o evento por duas vezes: empreendeu investidas para realizar a edição de 2004 e a de 2012. Em ambas a aspiração brasileira ficou pelo caminho ainda na fase preliminar do processo de seleção elaborado pelo Comitê Olímpico Internacional (COI).

O insucesso do Rio de Janeiro nas últimas tentativas levou as autoridades a reverem a estratégia para a apresentação de uma nova investida junto ao COI. Quando analisamos as derrotas anteriores e a vitória para 2016, notamos que houve mudança significativa no planejamento, principalmente no que diz respeito à localização dos equipamentos a serem construídos para os Jogos. Na intenção anterior a maior parte das instalações previstas iriam se localizar na região da Ilha do Fundão, na Zona Norte do Rio. Entretanto, na tentativa mais recente e exitosa houve a opção por localizar a maior parte das instalações na Barra da Tijuca, Zona Oeste do Rio.

O desejo da cidade de se mostrar de uma maneira positiva e, principalmente, competitiva perante a comunidade internacional talvez tenha feito com que o planejamento se voltasse para a exploração das possibilidades ainda por surgir. A instalação da maioria das estruturas na Barra da Tijuca ilustra muito bem a afirmação. O planejamento estratégico da cidade, principalmente a partir da versão de 2009 (a qual, inclusive, foi publicada logo após a escolha da cidade pelo COI para sediar os Jogos Olímpicos de 2016) explora bastante a possibilidade da cidade como negócio, falando a todo o instante em competitividade. A cidade é uma mercadoria na vitrine internacional. E mercadoria valorizada. Principalmente após a vitória para sediar os Jogos Olímpicos de 2016, uma vez que são poucas as cidades no mundo que tiveram a oportunidade de realizar o evento.

As candidaturas anteriores apresentavam planos muito diferentes da tentativa vencedora. Vieram muitas críticas sobre as derrotas. Inclusive de autoridades que estiveram envolvidas na questão. O prefeito César Maia até chegou a comentar à época que o projeto acertava em concentrar as instalações em uma área, contudo, errava na escolha do Fundão como centro do evento. Disse ele:

Os Jogos são, antes de tudo, um evento econômico relacionado ao esporte. Ele tem suas lógicas e suas exigências. Imaginem uma foto de capa de jornal mostrando um atleta e no fundo uma favela com um cara esquelético. Nós não precisamos e nem queremos esconder nossas dificuldades, mas é preciso entender a complexidade dos Jogos Olímpicos (Relatório – Jogos Pan-americanos e Parapan-americanos Rio 2007, p. 12).

Fica claro, portanto, que a cidade deveria mostrar ao mundo o que o mundo queria ver, o Rio de Janeiro turístico, com paisagens deslumbrantes, cartões postais sempre à vista, praias e Zona Sul, sem a pobreza concentrada da Zona Norte carioca. A cidade se volta, então, mais ainda para fora, para uma disputa competitiva onde cidades globais, a maioria delas muito ricas, tentam expor o que têm de melhor para conseguir atrair mais e mais investimentos estrangeiros.

Houve uma reformulação dos planos. Ainda nos anos 1990 a Administração trouxe ao planejamento urbano o conceito de city marketing. Por ele podemos entender um conjunto de ações que visa prover a cidade de estruturas e práticas que lhe dê visibilidade, tanto na qualidade de vida, quanto (e principalmente) em sua estrutura, visando, principalmente, a possível atração de novos recursos e investimentos estrangeiros⁵. A cidade é exibida como se um produto fosse, buscando atrair cada vez mais e mais eventos, turistas e investimentos. Assim, depois de uma série de rearranjos, principalmente após a consideração de que a imagem que a cidade deveria mostrar ao mundo deveria ser outra, a mais alegre e turística, resolveu-se levar a maior aglomeração de equipamentos para a Barra da Tijuca, na emergente Zona Oeste. A Ilha do Fundão e redondezas foi descartada totalmente do novo projeto, haja vista a falta de apoio à realização de quaisquer eventos olímpicos ali (porém, o campus da Universidade Federal do Rio de Janeiro, situado naquela região, servirá de local de treinamento para vários esportes durante o evento em 2016). Embora estejam previstos outros núcleos espalhados pela cidade, a Barra da Tijuca seria o palco da maior parte das competições, além de abrigar a maioria dos equipamentos operacionais do evento, como o centro de mídia e de radiodifusão. A maior estrutura construída para abrigar os atletas também teria local ali, a Vila Olímpica.

Na edição de 2009 do planejamento estratégico da cidade, notamos certos ares megalomaniacos, como, por exemplo, o desejo de ser a capital do sudeste com a menor taxa de emissão de CO₂, a sede das principais multinacionais brasileiras e principais boutiques financeiras internacionais instaladas no país e a melhor cidade para se viver no Hemisfério Sul. Sobre a última aspiração, o fato de não explicitar em qual sentido, se o geográfico ou o

⁵ Em DUARTE e CZAJKOWSKI JUNIOR (ver referência completa no final do trabalho).

econômico, é indiferente na interpretação da questão. Considerando a Austrália e Nova Zelândia ou não, querer aspirar a isso não é demais. Mas o que estarrece é que não se vê, na prática, ações suficientemente impactantes que levem o Rio de Janeiro ao posto de melhor cidade do Hemisfério Sul para se viver.

As ações desenvolvidas na cidade estão, em grande parte, voltadas para fora, para o que o Rio de Janeiro internacional e cosmopolita deseja mostrar, conforme os ditames agressivos do planejamento estratégico. Talvez isso prejudique um pouco a efetividade das ações que poderiam ser mais relevantes para os moradores da cidade. Levar os Jogos Olímpicos para a área mais valorizada da cidade corrobora a afirmação.

Depois de passar com relativa facilidade por Chicago e Tóquio, o Rio de Janeiro derrotou Madri com larga vantagem no número de votos na última rodada da eleição do COI, em 2 de outubro de 2009, realizada em Copenhague, Dinamarca, que decidiu a sede olímpica para 2016.

2.2 A HABITAÇÃO NO PLANEJAMENTO PARA OS JOGOS OLÍMPICOS

No processo de avaliação das cidades que aspiram receber os Jogos Olímpicos, o Comitê Olímpico Internacional tem no quesito acomodação um dos mais importantes pontos de decisão. Dentre os vários aspectos avaliados, o planejamento centrado na capacidade de abrigar devidamente todas as pessoas envolvidas, desde os dirigentes das Federações Internacionais até os turistas, passando pelas delegações de atletas e árbitros, é fundamental para o sucesso de uma candidatura.

Nas primeiras edições das olimpíadas modernas o número de participantes era relativamente pequeno. Porém, com o passar dos anos, os Jogos Olímpicos cresceram bastante em importância e complexidade e o número de participantes do evento cresceu vertiginosamente. Foi necessário pensar em um meio de abrigar apropriadamente todas as pessoas que vinham à cidade-sede para o evento, surgia, então, a vila olímpica – a qual nos aprofundaremos mais adiante.

O quesito acomodação é um grande desafio para as cidades, pois os planejadores traçam as estratégias de ação baseados, obviamente, no uso das instalações para o evento, sem perder de vista, contudo, o uso futuro das instalações. Afinal de contas, o planejamento deverá considerar que após o evento as estruturas deverão ser incorporadas à paisagem e à dinâmica da cidade da melhor maneira possível. De nada adiantaria, por exemplo, construir praticamente um bairro inteiro em uma área desprovida de infraestrutura de transporte, pois isso impediria ou dificultaria sua posterior integração ao restante da cidade. Erguer as unidades residenciais em área distante do comércio ou de escolas também não seria interessante.

No caso carioca, além de apontar a possibilidade de ocupação das vagas na rede hoteleira da Zona Sul, principalmente para os membros do Comitê Olímpico Internacional, dirigentes das Federações Internacionais, membros dos Comitês Olímpicos Nacionais e patrocinadores, a investida brasileira propôs a construção de quatro núcleos de unidades habitacionais que servirão aos atletas, técnicos, árbitros dentre outros envolvidos. Os núcleos estarão distribuídos pela cidade e se localizarão próximos aos estádios onde vários eventos acontecerão. O principal núcleo estará na Barra da Tijuca, que será a sede do maior número de esportes durante o evento; também haverá um núcleo na região central da cidade e outro no bairro de Deodoro, que sediará a segunda maior concentração de esportes da Olimpíada do Rio.

A olimpíada moderna, que, principalmente na primeira metade do século passado, era vista como algo danoso à economia do anfitrião, passou a ser um grande acontecimento, que mobiliza bilhões de dólares. A emergência das cidades como protagonistas da cena internacional deu-lhe ares de empresas e atualmente vemos inúmeras cidades de diversas partes do globo disputarem acirradamente a realização de grandes eventos, visando, claro, à atração de investimentos. Neste sentido, portanto, um planejamento estratégico eficiente poderia mudar a cidade definitivamente, como no caso de Barcelona, por exemplo: sediou uma edição olímpica brilhantemente e se reinventou, sendo hoje um dos destinos mais procurados da Europa⁶.

Foi no sucesso de Barcelona que o Rio de Janeiro se espelhou para sediar o evento. Procurou o estabelecimento de um planejamento estratégico nos mesmos moldes do espanhol, inclusive com consultoria catalã, e acabou ganhando a disputa com outras grandes cidades do mundo (muito mais estruturadas e ricas, inclusive).

O Dossiê de Candidatura dividiu as instalações pela cidade em quatro grandes grupos. Há aí certa dificuldade conceitual, uma vez que o documento ora trata os grupos de instalações como regiões, ora como zonas. O fato é que os grupos de instalações foram assim nomeados: Barra da Tijuca, principalmente na área onde se situava o Autódromo de Jacarepaguá; em Deodoro, nas instalações do Exército naquele bairro; Maracanã, todo o complexo esportivo onde se situa o estádio de mesmo nome, mais o Sambódromo e o estádio João Havelange, em Engenho de Dentro; e, finalmente, Copacabana, que abriga o bairro e sua vizinhança, incluindo a Lagoa Rodrigo de Freitas e o Parque do Flamengo (vide Figura 1).

⁶ Desde o início dos anos 1990 Barcelona viu sua popularidade aumentar consideravelmente. Atualmente é mais visitada que Madri. Segundo o ranking da revista Forbes, foi a décima cidade mais visitada no mundo em 2013, sendo o quarto destino mais procurado na Europa, com 8.41 milhões de turistas (ver referência completa no final do trabalho).

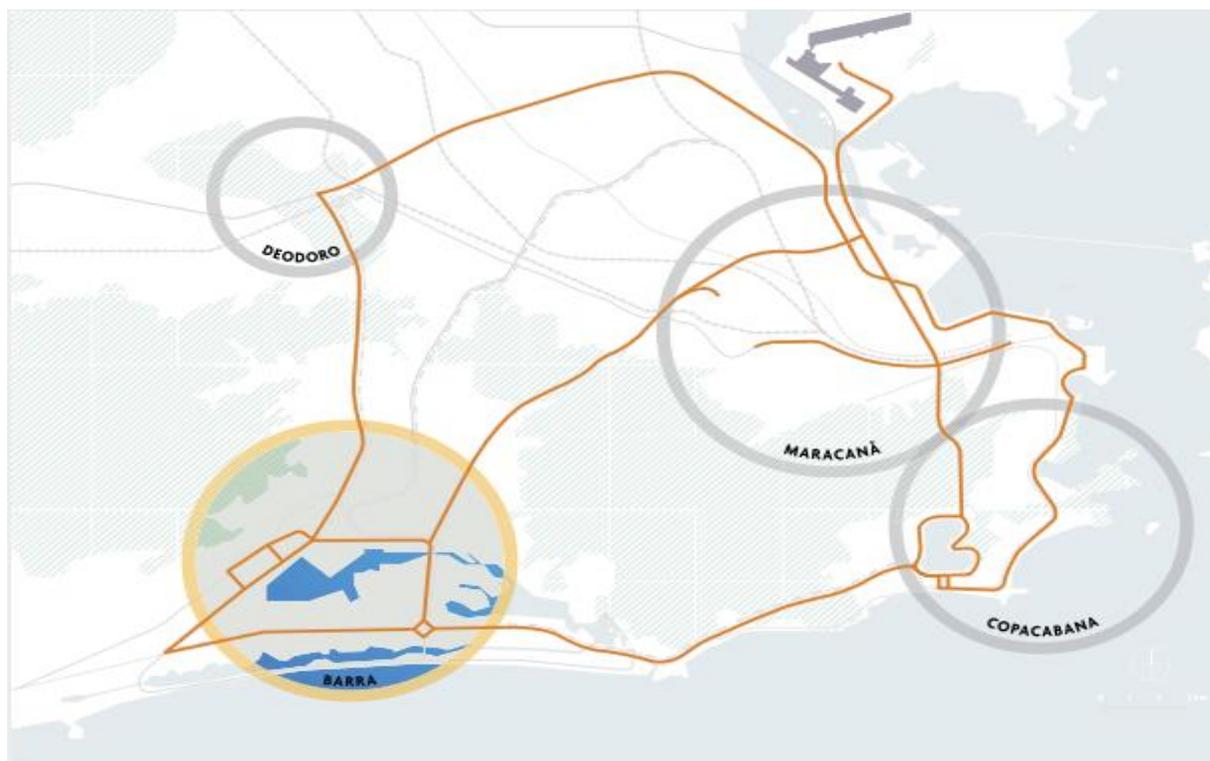


Figura 1 – As quatro regiões onde os Jogos Olímpicos acontecerão, com destaque para a Barra da Tijuca, onde se situará a maior parte dos estádios e a principal Vila Olímpica do evento. Fonte: Dossiê de Candidatura.

As vilas pensadas para o evento também se localizaram nas respectivas regiões. A vila principal será na Barra da Tijuca, em área contígua à do RioCentro; em Deodoro, as unidades habitacionais foram construídas para os Jogos Mundiais Militares de 2011 e servirão para acolher o pessoal técnico para os Jogos Olímpicos de 2016; havendo, ainda, outras vilas localizadas na região central da cidade.

Por se tratar de uma região saturada, com escassas opções de crescimento, em Copacabana foi excluída a possibilidade de construção de uma vila. Contudo, como a maioria dos empreendimentos hoteleiros da cidade se situa em suas cercanias, a região foi designada para receber os integrantes do COI, das Federações Internacionais, Comitês Olímpicos Nacionais, patrocinadores e turistas em seus milhares de quartos disponíveis.

A área outrora pertencente ao autódromo de Jacarepaguá passou por várias mudanças quando da realização dos Jogos Pan-Americanos, em 2007. Para os Jogos Olímpicos de 2016, a área abrigará grande parte dos equipamentos integrantes do evento. Ao lado, a poucos metros, está sendo construída a Vila Olímpica, principal centro para o alojamento dos envolvidos na Olimpíada.

O planejamento para acomodar todos os envolvidos na realização de um evento tão grandioso como os Jogos Olímpicos é complexo. E caro. Além da estrutura das unidades habitacionais em si, devem ser pensadas facilidades temporárias e permanentes para o novo complexo habitacional. Por exemplo, para a Vila Olímpica da Barra da Tijuca está planejado um terminal de ônibus, necessário para o transporte dos atletas e demais envolvidos nos deslocamentos entre a Vila e os locais de competição e treinamento, e um restaurante capaz de atender a cinco mil e quinhentas pessoas simultaneamente (outro restaurante, menor, para os trabalhadores, poderá atender a até mil e quinhentas pessoas ao mesmo tempo). Logicamente, estruturas como estas são temporárias e darão espaço a outros equipamentos quando o evento já tiver sido superado.

A construção do complexo habitacional deve, portanto, considerar várias peculiaridades. Dentre as propostas para implementação, por exemplo, além de áreas específicas para o treinamento esportivo, há a previsão de diversas áreas de convivência, dentre as quais um parque e praia particulares. O parque será localizado em área praticamente contígua à Vila, onde foi realizado o último Festival Rock In Rio, e contará com áreas de descanso e recreação. Para a praia, que se localizará nas imediações do conjunto habitacional, na própria Barra da Tijuca, um sistema de transporte levará os habitantes da Vila até a faixa de areia exclusiva. Uma área destinada para compras e serviços também ficará reservada para os habitantes da Vila durante os Jogos. Será a chamada Rua Carioca, a qual se localizará no centro do complexo habitacional, terá várias lojas e será destinada exclusivamente aos pedestres.

Todas as estruturas previstas, tanto as definitivas quanto as temporárias, acabam por adicionar custos à estrutura principal, que são as unidades residenciais. O custo total previsto para a Vila Olímpica é de U\$ 566,76 milhões, dentre os quais U\$ 139,7 milhões apenas para as estruturas temporárias (valores de referência de 2008, conforme Dossiê de Candidatura). Desse total, a construção da estrutura definitiva, a vila em si, será totalmente financiada pela Caixa Econômica Federal. Já os recursos para a construção das estruturas temporárias estarão a cargo do Comitê Organizador dos Jogos do Rio.

Os profissionais da mídia terão ao seu dispor acomodações no padrão três estrelas mediante pagamento de aluguel. O Comitê Organizador fixou um teto de U\$ 150,00 por dia de ocupação de cada unidade residencial. O aluguel é cobrado porque, neste caso, a Vila da mídia faz o papel de hotel. Portanto, serão cobradas diárias para a acomodação dos profissionais responsáveis pela cobertura do evento.

A candidatura brasileira deu destaque à localização da Vila Olímpica dos atletas. O Dossiê de Candidatura salienta o fato de que a enorme Vila (com cerca de 17.700 camas em 8.856 quartos, espalhados por 31 edifícios) se situará em um local de “impressionante beleza natural, cercada pela Lagoa de Jacarepaguá e emoldurada pelas montanhas do Parque Nacional da Pedra Branca, criando uma integração total com a natureza.” Mais, que o projeto “prevê que todos os quartos tenham vista para a Lagoa, para a praia da Barra ou para o Parque.” Ou seja, nas entrelinhas o que se conclui é que nenhum atleta terá o desprazer de abrir a janela e dar de cara com uma favela em um morro qualquer. O planejamento estratégico deu um jeito de poupar os visitantes desta experiência.

2.3 O DÉFICIT HABITACIONAL NO RIO DE JANEIRO

O Rio de Janeiro apresenta um histórico bastante peculiar no que diz respeito ao déficit habitacional. O nascimento da cidade remonta a março de 1565. Àquela época, as cidades tinham uma lógica espacial diferente, a centralidade girava em torno do porto. O porto representava o marco zero da aglomeração urbana. Era no porto que a cidade ganhava vida através do constante fluxo de pessoas e produtos que provinham dos mais diversos pontos.

Esta centralidade fez com que a maioria das pessoas ocupasse as regiões próximas ao porto, pois todos eram, de alguma maneira, dependentes das atividades que ali se desenvolviam. Ao longo dos anos, a cidade continuou mantendo a centralidade na região portuária. O Centro e os bairros contíguos a ele tinham as áreas mais valorizadas da cidade.

No último quartil do século XIX a sociedade brasileira passou por uma profunda transformação. Com a assinatura da Lei Áurea, em 1888, todas as pessoas em situação de escravidão tiveram a chance de se libertar do regime, tornando-se livres. No Rio de Janeiro, isso provocou uma profunda mudança, já que a região central da cidade viu um número gigantesco de cortiços se proliferar deliberadamente. Os cortiços eram a opção mais viável (ou a única opção) para uma massa de trabalhadores desempregados e sem nenhum tipo de qualificação que acorreram às cidades para tentar a vida.

Poucos anos depois, no início do século XX, entre 1903 e 1906, o então prefeito Francisco Pereira Passos resolveu implantar uma grande mudança no espaço urbano do Rio de Janeiro. Justificando tornar a cidade mais saudável, procurou eliminar os cortiços, ao quais eram focos de várias doenças. No lugar, construiu ruas e avenidas, além de vários edifícios, como o Teatro Municipal, por exemplo. Com efeito direto sobre a região central da cidade, o prefeito abriu novas vias, alargou outras e fez uma série de alterações que acabaram por expulsar as pessoas mais pobres para áreas mais afastadas. Como a economia local ainda tinha por base as atividades relacionadas ao funcionamento do porto, as pessoas começaram a ocupar as encostas dos morros da região central, porque se manter relativamente próximo ao local de trabalho era bastante importante (e ainda continua sendo). A partir daí começa a ocupação em massa dos morros cariocas.

Com o passar dos anos, a cidade ganhou novas dinâmicas e a região portuária perdeu a centralidade. À medida que o porto foi entrando em ostracismo, outras regiões da cidade foram sendo objeto de valorização imobiliária e econômica, levando, assim, os mais pobres a

irem se alojar em instalações precárias próximas aos respectivos locais de trabalho, principalmente na então emergente Zona Sul carioca (vide Foto 1).



Foto 1 – Milhares de barracos tomam a encosta de um morro na Zona Sul carioca, evidenciando décadas de descaso com o planejamento urbano. No detalhe é possível ver a precariedade da habitação. Fonte: Sean Caffrey/Getty Images.

A implantação da primeira via férrea da cidade, em 1858, iria contribuir bastante para a intensificação do processo de favelização da cidade. A linha saía da estação Dom Pedro II, atual Central do Brasil, para Belém, hoje município de Japeri⁷. Esta linha foi a primeira de algumas que viriam a ser implantadas, dando à parte norte da cidade um fator diferencial no que diz respeito à ocupação humana. No percurso ligando o Centro à Zona Norte, as pessoas passaram a ocupar grande parte das áreas adjacentes com construções precárias, sem nenhuma das estruturas básicas que uma moradia necessita. Entretanto, como as linhas representavam o acesso fácil e rápido ao Centro, a área viu um grande contingente de pessoas se instalar ali em um lapso temporal relativamente curto⁸.

Atualmente, dentre todos os municípios brasileiros, o Rio de Janeiro é o que apresenta o segundo maior déficit habitacional, apenas perdendo para São Paulo, que é quase duas vezes maior em termos demográficos. Os números são alarmantes: segundo dados do Censo 2010

⁷ Conforme GIESBRECHT (ver referência completa no final do trabalho).

⁸ Segundo COMPANS (a referência completa está no final do trabalho).

do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Rio de Janeiro tem um déficit de 206.474 unidades habitacionais; já a Secretaria Municipal de Habitação estima que o déficit seja de aproximadamente 300 mil unidades habitacionais. Embora haja uma diferença considerável entre os números, o fato é que eles representam, na prática, um contingente de quase um milhão de pessoas sem condições dignas de moradia.

Este fato aponta para um histórico eclipse do poder público em implementar políticas voltadas ao provimento pela população, principalmente de baixa renda, de um direito fundamental, que é o da moradia. Grande parte deste déficit é devido a décadas de ocupação desordenada, principalmente nas encostas dos morros que integram a paisagem da cidade. Contudo, não é apenas nos morros que as habitações precárias se encontram. Os morros talvez tenham maior destaque devido à visibilidade que a geomorfologia lhes impõe. Principalmente na Zona Norte, por exemplo, podemos encontrar um contingente enorme de pessoas que ocupam terrenos relativamente planos, como os que compõem o complexo de favelas da Maré, às margens da Baía da Guanabara e junto à Ilha do Fundão.

No morro ou fora dele, o fato é que as condições em que milhares de cariocas vivem são degradantes. As moradias não têm a estrutura básica necessária para a plena saúde que o direito de morar deveria ter: faltam redes de água, esgoto e energia elétrica adequadas e o acesso aos serviços públicos é precário (vide Foto 2).



Foto 2 – Embora de alvenaria, estruturas não têm condições adequadas de saneamento. Há acúmulo de lixo e falta arejamento adequado às construções. Fonte: Mario Tama/Getty Images.

Nos últimos anos, principalmente a partir de meados da década de 1990, o poder público, especialmente a Prefeitura do Rio de Janeiro, vem buscando implementar políticas e executar ações que visem reduzir o déficit habitacional na cidade. Os estudos baseados no planejamento estratégico de outras cidades do mundo serviram de base para que a municipalidade tentasse diminuir a falta de moradias dignas, principalmente nas camadas mais pobres da sociedade.

A aspiração de uma cidade à sede olímpica, na maioria das vezes, é fator importante no que tange a um legado no setor habitacional. Entretanto, o planejamento que está sendo executado no Rio de Janeiro para o evento em 2016 parece estar indo na direção contrária do que fizeram as cidades que já realizaram o evento em edições anteriores.

CAPÍTULO 3

O QUE É UMA VILA OLÍMPICA?

Todas as pessoas que viajam às cidades-sede de Jogos Olímpicos devem, logicamente, ficar hospedadas em algum lugar. No início da história olímpica moderna, durante as competições, todos ficavam instalados em hotéis, hospedarias e congêneres. Entretanto, com o passar do tempo, o evento foi se tornando cada vez maior, superando, inclusive, a capacidade da rede hoteleira da cidade-sede em abrigar a todos. Surgiu, então, a ideia de construir instalações capazes de hospedar confortavelmente os envolvidos na realização do evento. Nascia o conceito de vila olímpica.

Vila olímpica é um termo geral, usado na designação das unidades habitacionais destinadas aos envolvidos na realização de uma olimpíada. Entretanto, existem vários segmentos de vila: a destinada aos atletas, à mídia e aos técnicos, por exemplo. A mais famosa aceção do termo, contudo, diz respeito à vila onde os atletas se acomodam.

A vila olímpica também foi evoluindo com o passar de cada edição olímpica. Em seu início, na Olimpíada de Paris em 1924 (vide Foto 3), e nas edições que se seguiram, eram bem discretas e passavam, após o evento, para o controle militar, servindo como alojamento (Berlim, em 1936, foi pioneira nesta função), ou para as universidades, servindo de moradia estudantil (a última vez que isso aconteceu foi nos Jogos de Atlanta, em 1996).

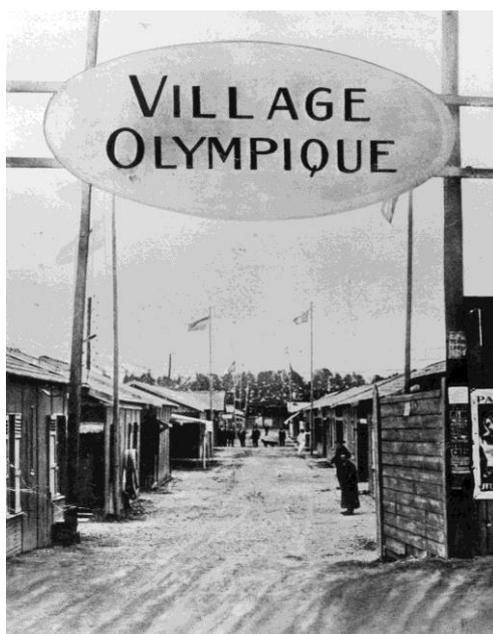


Foto 3 – Um dos pórticos de entrada da primeira Vila Olímpica. O conjunto abrigou os atletas e demais envolvidos na realização dos Jogos Olímpicos de Paris, em 1924. Fonte: Hulton Archive/Getty Images.

Atualmente, o conceito de vila olímpica está intimamente ligado ao planejamento que cada cidade-sede faz para si, uma vez que as instalações se tornaram tão grandiosas que, após os Jogos devem ser-lhes dada devida utilidade no tecido urbano.

Dentro da estrutura da cidade, a vila olímpica ganhou status de grande bairro planejado. Além de toda a estrutura básica que um bairro habitacional deve ter, as vilas olímpicas atuais incorporam grandes facilidades, como centros de convivências, áreas para a prática de esportes, de estacionamento, edifícios destinados a fins comerciais, dentre outras. A toda esta estrutura, aplicam-se as atuais tendências arquitetônicas de funcionalidade e sustentabilidade (vide Foto 4).



Foto 4 – A vila construída para os Jogos Olímpicos de Atenas 2004 a um ano do início do evento. A vila olímpica cresceu tanto que passou a ter status de grande bairro planejado, devendo-se integrar da maneira mais harmoniosa possível à estrutura da cidade. Fonte: John Gichigi/Getty Images.

A arquitetura atual permite que as instalações tenham duas ou várias configurações. A primeira delas, logicamente, é a destinada a abrigar atletas e demais envolvidos no evento. Como durante as competições a função básica dos apartamentos é servir como dormitório, não há necessidade, por exemplo, de que cada unidade residencial apresente todas as características e divisões usualmente encontradas nas demais moradias, como cozinha, sala de refeições e área de serviço. Deste modo, os projetos arquitetônicos são elaborados tendo em consideração a função das estruturas durante e após os Jogos, no chamado modo legado.

O modo legado simplesmente é a estrutura que restará à cidade após o fim do evento e qual será a destinação final da construção. Está vinculado principalmente às funções que o bairro construído terá dentro da dinâmica urbana quando os Jogos forem passado. Cabem aos agentes públicos, portanto, usar de todos os conhecimentos válidos para que sejam realizados estudos que apontem para a máxima utilização do bairro de maneira que ele se integre total e harmoniosamente à cidade da qual faz parte.

Principalmente a partir da década de 1960, com a realização dos Jogos de Roma em 1960 e Tóquio em 1964, as vilas serviram à reestruturação das cidades, pois a II Guerra Mundial acabara há pouco mais de uma década e o déficit de moradias nos países que estiveram envolvidos no evento ainda era considerável, haja vista as profundas mudanças sociais que as hostilidades provocaram. A partir desta época, o modo legado das vilas passou a ter sua destinação como moradias para famílias que delas necessitassem. Desde então, edição após edição, os planos se renovam, mas a função primordial ainda tem sido a destinação residencial familiar após os Jogos.

O inchaço do evento ao longo dos anos trouxe uma enorme expansão das acomodações. Atualmente, não é apenas para os atletas que se constroem vilas, mas também para um considerável número de grupos que estão diretamente envolvidos na realização de uma olimpíada. Além dos atores principais do evento, os atletas, a cidade incumbida de realizar os Jogos Olímpicos deve, ainda, providenciar acomodações para os respectivos integrantes das comissões técnicas, para os árbitros e representantes das Federações Internacionais, todos os jornalistas e demais profissionais da mídia envolvidos na cobertura do evento, os representantes dos Comitês Olímpicos Nacionais e Comitê Olímpico Internacional, e, por fim, quem banca a maior parte da realização do evento, os patrocinadores.

Na maior parte das vezes, os representantes das Federações Internacionais, membros dos Comitês Olímpicos Nacionais, Comitê Olímpico Internacional e patrocinadores costumam ficar hospedados na rede hoteleira da cidade. Mas, nada impede que eles possam ficar abrigados em instalações construídas para o evento, uma vila, por exemplo, desde que a acomodação tenha padrão comparável ao da rede hoteleira internacional, mínimo de três estrelas. A construção de vilas é geralmente destinada à acomodação dos atletas e membros das comissões técnicas, mídia e árbitros das Federações Internacionais.

3.1 O DESTINO DAS VILAS DE JOGOS ANTERIORES

Experiências de cidades que abrigaram o evento em edições anteriores mostram que é possível desenvolver estruturas que realmente acrescentem à cidade, e, acima de tudo, que sejam marcos de mudança para a revitalização das funções urbanas.

No caso que serviu de inspiração para o Rio de Janeiro, Barcelona, a Vila serviu para revitalizar uma área importante para a cidade e que estava passando por um momento difícil. À época, criticava-se que a cidade havia dado as costas para seu litoral. Neste contexto, a região portuária e toda a costa da cidade foram alvo de diversas intervenções, dentre as quais a Vila Olímpica para a edição de 1992 do evento (vide Foto 5). Após os Jogos, as unidades habitacionais foram vendidas e se converteram em moradia para milhares de famílias.



Foto 5 – A cidade de Barcelona, que tanto sucesso fez quando da realização dos Jogos Olímpicos em 1992, teve seu planejamento copiado por várias cidades do mundo, como o Rio de Janeiro. No primeiro plano, parte da orla revigorada com obras construídas para a Olimpíada de 1992, como o Porto Olímpico. Fonte: Allan Baxter/Getty Images.

Em Atlanta, em uma Olimpíada que valorizou a estrutura universitária da cidade, as unidades construídas para abrigar os atletas para os Jogos realizados em 1996 hoje servem de moradia aos estudantes da universidade politécnica Georgia Tech.

O caso de Sydney é curioso, pois, ao invés de se construir edifícios de apartamentos, optou-se por casas. Sabe-se que a infraestrutura necessária para um bairro horizontal é bem mais onerosa que para um bairro vertical. Toda a questão logística envolvida encarece o orçamento. Quando se verticaliza, compactam-se as estruturas à medida que se adensa a área. O bairro verticalizado depende menos de vias de circulação, de rede de água, esgoto, energia elétrica, comunicações, dentre outras. Entretanto, a capacidade das vias, sejam de transporte ou de comunicação, devem comportar fluxo maior de tráfego, pois a demanda está concentrada. Sem mencionar que a área que um bairro verticalizado requer é bastante reduzida quando comparado a um similar horizontalizado. E, como as grandes cidades não dispõem de muito espaço para intervenções desta natureza, uma vila horizontalizada nos chama mais a atenção.

O bairro construído então em uma área desvalorizada da cidade é hoje um sucesso. A região de Homebush Bay foi toda revitalizada para os Jogos de 2000, principalmente com a implantação do Parque Olímpico, e o legado deixado pelo evento no setor habitacional tem sido propulsor do desenvolvimento econômico da região desde a realização do evento (vide Foto 6).



Foto 6 – A região de Homebush Bay em março de 2000, onde foi construída a maior parte das instalações que serviu à realização dos Jogos Olímpicos daquele ano em Sydney. Ao fundo, os estádios e centros de treinamento; no primeiro plano, a vila olímpica, composta por mais de duas mil casas. Fonte: Jim Pozarik/Getty Images.

Em Londres 2012 o principal grupo de instalações destinadas aos Jogos foi construído em uma área então degradada da zona norte da cidade, Stratford. A região passou por uma grande revitalização. Galpões industriais e antigos edifícios deteriorados deram lugar aos estádios e edifícios operacionais. Neste Parque foi construída a Vila Olímpica. Os apartamentos foram a casa de todos os atletas que participaram das competições. Entretanto, ainda quando em construção, todas as unidades foram vendidas à população com preços subsidiados pelo governo britânico. Londres construiu um grande conjunto habitacional em uma região da cidade que agora ganha novos ares com outros empreendimentos construídos ali (vide Foto 7).



Foto 7 – A vila olímpica de Londres dois anos antes da Olimpíada de 2012. Ainda durante a construção, a maior parte dos imóveis foi vendida a preços subsidiados pelo governo britânico. A região agora está totalmente integrada à dinâmica da cidade. Fonte: Anthony Charlton/Olympic Delivery Committee/Getty Images.

3.2 AS VILAS PARA OS JOGOS OLÍMPICOS DO RIO DE JANEIRO

Segundo o Dossiê de Candidatura, estão previstas quatro aglomerados de instalações que servirão de alojamento aos atletas e demais envolvidos na realização dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro. A proximidade entre as instalações e os locais de treinamento e competições são as variáveis mais importantes na localização das vilas pela cidade. A principal delas é a Vila Olímpica da Barra da Tijuca, que abrigará quase vinte mil pessoas, havendo também a Vila Maracanã, a Vila do Porto e a Vila de Deodoro.

A Vila Olímpica da Barra da Tijuca estará localizada na Zona Oeste da cidade. Segundo o Plano Diretor vigente, aquela zona configura-se como uma zona de expansão da cidade. É denominada de Macrozona de Ocupação Condicionada. A maior parte dos terrenos é destinada à ocupação residencial. Neste contexto a Barra da Tijuca é um dos bairros com maior valorização imobiliária. Um dos metros quadrados mais caros do Rio de Janeiro: R\$ 5.859,00 a metragem em imóvel de três quartos em Jacarepaguá, segundo o Secovi/Rio em maio de 2014⁹. Pelo fato de haver grande oferta de terrenos na região, o bairro tem crescido bastante nos últimos anos.

A região ainda possui um número grande de lagoas (porque é propriamente uma barra, pelo ponto de vista geomorfológico) e é cercada pelo mar e pela montanha. Sob a perspectiva da ocupação, por ser uma área com dinâmica habitacional relativamente recente, apresenta pouca ocorrência de áreas faveladas quando comparadas com outras regiões do Rio de Janeiro. As áreas com assentamentos mais precários se localizam próximas aos morros e maciços da região. A área mais valorizada está compreendida entre as lagoas e a praia, a própria barra.

Grande parte da obsolescência do Centro do Rio hoje se deve ao fato de que um número considerável de empresas se retirou dali e se mudou para a Barra da Tijuca. O bairro é dotado de estruturas mais modernas, principalmente no que diz respeito à tecnologia, que atendem melhor as necessidades das empresas em busca de maior competitividade. Desta maneira, os empreendimentos preferem sair do Centro, onde os edifícios são antigos e, na maioria das vezes, apresentam redes de serviços ultrapassadas, para se instalar na Barra da

⁹ O Secovi/Rio (Sindicato que reúne os profissionais que atuam no setor de comércio e serviço habitacional) divulga periodicamente uma relação com o valor médio do metro quadrado em alguns dos bairros mais valorizados do Rio de Janeiro.

Tijuca, onde prédios modernos são atendidos por serviços sofisticados de energia, comunicação e serviços¹⁰.

O bairro tem passado por uma fase de acelerado crescimento urbano. Devido ao grande número de terrenos disponíveis, as empresas do setor imobiliário têm investido em construções destinadas às classes média e alta. Os empreendimentos construídos, em sua maioria, são de alto padrão.

A empresa responsável pela construção da Vila Olímpica da Barra da Tijuca é a Carvalho Hosken. A empresa é uma das maiores do setor imobiliário do Rio de Janeiro e se destaca no ramo de imóveis de alto padrão. Proprietária de grande número de terrenos na região, a Carvalho Hosken foi escolhida para ser a responsável pelas obras, principalmente, por ser a dona do terreno que a prefeitura julgou ser o mais adequado para a construção do empreendimento.

A Vila Olímpica da Barra da Tijuca será a maior de todas as planejadas para os Jogos do Rio. Capaz de abrigar 17.700 pessoas nos 31 edifícios, seus 8.856 quartos estarão divididos em apartamentos de 3 e 4 quartos, nos quais haverá, no máximo, um banheiro para cada duas pessoas. Toda esta estrutura estará disposta em uma área de 75 hectares, ao lado do RioCentro e bem próxima ao Parque Olímpico, o qual está sendo erguido na área do antigo Autódromo de Jacarepaguá (vide Foto 8).

¹⁰ Conforme COMPANS (ver referência completa no final do trabalho).



Foto 8 – O início da construção da Vila Olímpica da Barra da Tijuca. Em foto de abril de 2013 é possível identificar os três primeiros edifícios sendo erguidos em uma área pertencente a uma empresa privada, que construirá o complexo com subsídios do governo. À esquerda, a Lagoa de Jacarepaguá; ao fundo, a barra e o mar. Fonte: Buda Mendes/LatinContent/Getty Images.

Segundo o Dossiê de Candidatura, a Carvalho Hosken será beneficiada pelo mesmo pacote de benefícios executados quando da construção da Vila Panamericana, em que 97% das unidades habitacionais foram vendidas na primeira semana de comercialização. A construtora terá financiamento dos recursos que se fizerem necessários por uma taxa diferenciada de juros (o orçamento inicial prevê o desembolso de US\$ 427 milhões para a construção da Vila). O Governo Federal, responsável pela entrega da Vila Olímpica, acordou com a Carvalho Hosken, dentre outros fatores, pelo fato de a empresa também deter grande experiência no mercado imobiliário de empreendimentos com alto padrão de qualidade.

Uma questão interessante é a de que, como a Vila será de propriedade privada, o uso das instalações durante os Jogos Olímpicos será custeado pelo comitê organizador do evento por meio de pagamento de aluguel. Para isso, estão previstos valores que têm o teto de US\$ 18.9 milhões.

A Vila Olímpica da Barra da Tijuca oferecerá um nível de serviço equiparável aos serviços de acomodação oferecidos por hotéis, incluindo ainda as vantagens de transporte e conectividade. Assim como as outras vilas previstas, irá hospedar mais de um tipo de cliente (atletas, árbitros e mídia, por exemplo), com refeitórios separados para cada grupo. Uma

combinação de medidas físicas e operacionais permitirá a necessária separação desses grupos. As acomodações terão padrão três estrelas e oferecerão, após os Jogos, oportunidades de habitação necessárias ao Rio de Janeiro (para quem puder pagar por elas, claro) (ver Figura 2). Estudos detalhados, comerciais e de viabilidade, foram desenvolvidos para cada projeto, garantindo a sua realização e a adequação aos planos de desenvolvimento de longo prazo da cidade e, principalmente, da região.



Figura 2 – Ilustração retrata o alto padrão dos apartamentos que estão sendo construídos na Vila Olímpica da Barra da Tijuca. Fonte: BCMF Arquitetos/Dossiê de Candidatura.

Outro complexo habitacional planejado para os Jogos estará localizado no chamado Complexo do Maracanã. As instalações esportivas mais próximas ao centro da cidade serão os estádios Maracanã e Maracanãzinho e o Sambódromo, que receberá as competições de tiro com arco e a chegada da maratona. Para facilitar a logística dos envolvidos no evento, a organização optou por criar uma vila na região. A Vila Olímpica Maracanã será responsável por abrigar mídia, técnicos e árbitros que atuarão nas competições próximas à região. Para o local estão previstos 1.248 quartos distribuídos em 480 apartamentos de dois e três quartos.

Nas proximidades, a região portuária da cidade vive um agitado momento de mudanças. Grandes intervenções estão sendo feitas como parte do projeto Porto Maravilha. O projeto é um esforço da municipalidade, em parceria com a iniciativa privada, para revitalizar a área portuária da cidade, intervindo na estrutura urbana dos arredores. É um projeto complexo, inspirado nas intervenções já executadas em outras orlas e regiões portuárias de

várias cidades do mundo, como Boston, Buenos Aires, Lisboa e Barcelona. As obras mais significativas do projeto são a reestruturação da malha viária, principalmente com a derrubada do elevador da Perimetral, a implantação de uma linha de veículo leve sobre trilhos e a construção de equipamentos culturais, como o recém-inaugurado Museu de Arte do Rio, e o futuro Museu do Amanhã, que está sendo erguido no Píer Mauá, com projeto do renomado arquiteto Santiago Calatrava. O custo total da parceria público-privada é de cerca de 7,5 bilhões de reais em investimentos.

Inicialmente, o projeto olímpico do Rio previa a construção de uma vila na região. A chamada Vila do Porto serviria para acomodar a força de trabalho destinada à produção e execução das cerimônias olímpicas. Os 1.840 quartos estariam distribuídos entre 844 apartamentos de dois e três quartos previstos.

Entretanto, em 2010, o prefeito Eduardo Paes sugeriu que a vila de mídia prevista para a Barra da Tijuca fosse transferida para a região portuária da cidade. A sugestão foi acatada pelo Comitê Olímpico Internacional e o projeto inicial da Vila do Porto foi refeito e ampliado.

Já em construção em uma área de dezenove mil metros quadrados na região portuária, as sete torres irão abrigar jornalistas e árbitros em seus 1.333 apartamentos, os quais variarão entre 66 e 89 m². As unidades totalizarão 3.038 quartos. Para o modo legado, a previsão é de que sejam posteriormente vendidos aos servidores públicos do município por meio de financiamento do Previ-Rio, com ocupação prevista a partir de 2017 (vide Figuras 3 e 4).

A justificativa para a transferência da Barra da Tijuca para a região portuária é a de que as unidades residenciais poderiam somar-se ao projeto Porto Maravilha e potencializar suas intervenções. Como a região é carente de empreendimentos imobiliários residenciais, prevê-se grande valorização dos imóveis, principalmente após a conclusão de todas as obras previstas no projeto.



Figura 3 – Perspectiva da fachada do complexo que abrigará a vila destinada aos profissionais da imprensa e aos árbitros durante os Jogos Olímpicos de 2016. Em construção na zona portuária, o projeto faz parte de uma grande parceria público-privada que visa reestruturar aquela parte da cidade. Fonte: Divulgação/Consórcio Porto Maravilha.



Figura 4 – O interior das habitações possuirá requinte e sofisticação equiparável a um hotel de três estrelas. As unidades serão vendidas por meio de financiamento do Fundo de Previdência dos Servidores da Prefeitura do Rio de Janeiro e poderão ser ocupadas já a partir de 2017. Fonte: Divulgação/Consórcio Porto Maravilha.

Por fim, a região de Deodoro, que, segundo o planejamento para os Jogos, se constituirá na segunda maior aglomeração de instalações planejadas para a realização da Olimpíada. Estão previstas construções que abriguem, no mínimo, sete modalidades

esportivas. Com tamanha concentração de atividades, a candidatura do Rio de Janeiro concluiu que uma vila na região seria plausível. Desta forma, o Dossiê de Candidatura previu a construção de uma vila com 1.224 quartos, distribuídos em 408 apartamentos de três quartos, com destinação à mídia, aos oficiais e ao pessoal de apoio dos patrocinadores.

Pelo fato de o Rio de Janeiro ter sediado os Jogos Mundiais Militares de 2011, a Vila de Deodoro já foi construída para servir como alojamento aos participantes daquele evento. Atualmente serve aos militares e aos usuários do Centro Nacional de Tiro, localizado nas proximidades da Vila. A estrutura passará por algumas adaptações e será destinada a abrigar parte dos envolvidos na realização dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016.

3.3 A INTERVENÇÃO NA VILA AUTÓDROMO

Uma das grandes críticas feitas à realização de grandes eventos, como uma olimpíada, por exemplo, é o questionamento do que realmente fica para a população após o fim do evento, o famoso legado. A maior parte das críticas é feita no sentido de desconstruir a ideia de romântica de legado, o que revela diversos agentes e conflitos que estão envolvidos na realização desses eventos¹¹. Com o Rio de Janeiro não poderia ser diferente. Ainda que os poderes públicos tentem reforçar a ideia de legado para a cidade, não podemos deixar de ressaltar que o legado não atende a todos, o legado é exclusivo. E, acima de tudo, qualquer estrutura ou ação classificada como legado foi construída, muito provavelmente, sobre inúmeros conflitos sociais. Para a construção do complexo olímpico na Barra da Tijuca, por exemplo, serão necessárias algumas desapropriações, nas quais é premente a ação de forças distintas.

O Rio é hoje um grande canteiro de obras. Elas se multiplicam pela malha urbana carioca. Contudo, a maior parte delas não é relacionada à Olimpíada em si, e sim às obras de mobilidade previstas para o evento, como os corredores de ônibus que estão sendo construídos interligando as diversas regiões da cidade; a obra do veículo leve sobre trilhos, no Centro; e as novas estações de metrô provenientes da ampliação da malha metroviária da cidade, que está sendo expandida nas zonas Sul e Oeste, em direção à Barra da Tijuca.

Parte dessas obras demanda desapropriações. Para a realização das obras ligadas estritamente à realização da Olimpíada, as únicas remoções necessárias serão as das famílias que moram na chamada Vila Autódromo. O conjunto de casas simples é considerado pela prefeitura como favela, embora haja algumas casas de classe média no local.

A Vila Autódromo se ergueu após a construção do autódromo Nelson Piquet. Construído na década de 1970, o Autódromo Nelson Piquet, conhecido popularmente como Autódromo de Jacarepaguá devido à lagoa que o margeava, viu, ao longo dos anos, cerca de três mil pessoas se abrigarem nas casas construídas entre sua área e as margens da lagoa. A maior parte das famílias é composta por pescadores (ver Figura 5).

¹¹ Alguns trabalhos analisam o legado de grandes eventos de maneira bastante crítica. Neste sentido, sugiro três artigos recentes sobre o assunto: A sociedade civil e os conflitos na construção dos megaeventos esportivos no Brasil (AMARAL, Sílvia Cristina Franco et al), O "legado" dos megaeventos esportivos: a reatualização da remoção de favelas no Rio de Janeiro (MAGALHÃES, Alexandre) e A disputa pelo legado em megaeventos esportivos no Brasil (CURI, Martin) (para maiores detalhes, ver referências completas no final do trabalho).



Figura 5 – Entre duas importantes vias da região, a Lagoa de Jacarepaguá e a área do Autódromo Nelson Piquet, localiza-se a Vila Autódromo, conforme pode ser visto na porção esquerda da imagem. Para os Jogos Olímpicos Rio 2016 toda a área do autódromo será tomada por instalações necessárias à realização do evento. Parte da Vila Autódromo será preservada, já que algumas famílias decidiram continuar no local. Fonte: Google Earth.

O plano inicial era remover todas as 583 famílias residentes da área, acabando por completo com a aglomeração. Contudo, após uma longa jornada de conversas entre a Prefeitura, os moradores, representantes do Ministério Público (MP) e de movimentos sociais, chegou-se a um acordo em que apenas parte das famílias deverá abandonar o local. Segundo a Secretaria de Habitação, 280 famílias terão que deixar a área. Deste total, 204 concordaram com a mudança para o Parque Carioca e 76 receberam indenizações. As outras 303 famílias não necessitarão ser realocadas.

A maior parte das famílias realocadas da Vila Autódromo irá para uma área nas proximidades, na Estrada dos Bandeirantes, em Jacarepaguá. Uma parceria entre a União e a Prefeitura consolidou o Parque Carioca, um conjunto habitacional popular para abrigar as famílias. As cerca de 900 unidades habitacionais serão destinadas às famílias de baixa renda por meio do programa Minha Casa Minha Vida. Os apartamentos, de dois e três quartos, têm tamanhos que variam entre 40 e 55 m² e atenderão não somente às famílias provenientes da Vila Autódromo, mas também de outras áreas da cidade e que foram beneficiadas pelo programa.

A remoção das famílias da área tem sido muito questionada, principalmente pelos movimentos sociais, que alegam que a remoção não atende aos interesses públicos e sim à valorização do capital imobiliário, já que após os Jogos a área será transformada em um novo bairro, com partes residenciais, comerciais e empresariais.

Segundo a Prefeitura, as moradias são irregulares e se encontram no caminho do trajeto de um futuro corredor de ônibus. Alega, ainda, que a falta de estrutura básica impede uma possível permanência das famílias no local. Por outro lado, valoriza os planos para o novo conjunto habitacional que está sendo construído em área próxima, o Parque Carioca. Conforme a municipalidade, além das habitações em si, toda a infraestrutura necessária à permanência das famílias no local está sendo construída, como áreas de lazer e escolas. A associação de moradores da Vila Autódromo propõe, por meio do Plano Popular da Vila Autódromo, que as famílias permaneçam na área e que o local seja submetido a um processo de reestruturação, dotando a aglomeração de estrutura básica de saneamento e das demais condições mínimas de moradia digna.

CAPÍTULO 4

A CONSONÂNCIA ENTRE O PLANEJAMENTO PARA O EVENTO E AS TENTATIVAS ESTATAIS DE CUMPRIMENTO DE METAS

O planejamento do Rio de Janeiro para a realização dos Jogos Olímpicos de 2016 é, em grande parte, baseada na experiência de Barcelona quando da realização do evento no ano de 1992. Contudo, grandes contrastes se verificam quando comparamos os dois casos.

Em 1992 as áreas core da realização dos Jogos estavam já totalmente inseridas na malha da cidade, ainda que algumas delas merecessem revitalização. No caso carioca, optou-se por destinar uma área ainda em processo de consolidação, em pleno processo de expansão urbana, para erguer o principal núcleo para a realização do evento. A cidade abriu mão de reurbanizar uma área (como a Ilha do Fundão, por exemplo) em detrimento da valorização de outra, a Barra da Tijuca. A alegação de que a Zona Oeste, mais precisamente a Barra da Tijuca, é a área de expansão/crescimento da cidade foi usada como justificativa para localizar ali os principais equipamentos a serem construídos. O Plano Diretor atualmente em vigência nos diz isto.

Ora, quem conhece o Rio de Janeiro sabe que a Zona Oeste é o único caminho possível para a expansão urbana. Contudo, quem conhece o Rio também sabe que se pode intervir praticamente na cidade inteira, pois em todas as regiões, principalmente na Zona Norte, grandes áreas necessitam de intervenções que visem à provisão de estrutura às pessoas que ali vivem.

Neste sentido, o Rio se distancia de Barcelona e se aproxima mais de Roma ou Cidade do México. As capitais italiana e mexicana receberam os Jogos em 1960 e 1968, respectivamente. O planejamento feito para estas edições optou por levar as estruturas para áreas em desenvolvimento, fazendo com que elas servissem de vetores para novos eixos da expansão urbana, como no caso carioca. Por outro lado, mais recentemente, Seul 1988, Barcelona 1992, Sydney 2000 e Londres 2012, se valeram dos Jogos para revitalizar áreas até então degradadas.

A localização das vilas olímpicas é geralmente definida após a escolha de onde será o parque principal, que abrigará os maiores equipamentos para os Jogos, invariavelmente, o estádio olímpico, dentre outros (embora isso não aconteça no caso carioca, pois o estádio olímpico principal será o João Havelange, o qual se localiza isoladamente no bairro de Engenho de Dentro). Assim, se tem que as unidades habitacionais estejam inseridas em um grande conjunto, composto por instalações esportivas servidas por estruturas urbanas

essenciais, como as de transporte, por exemplo. Logo, destinar tais equipamentos a uma área que já é valorizada apenas serve para excluir ainda mais a cidade de si mesma, uma vez que enquanto há a supervalorização de determinadas áreas, como a Barra da Tijuca, há a deterioração de outras, como ocorre em grande parte da Zona Norte do Rio de Janeiro.

A maior parte da população carioca vive na Zona Norte. É a região mais densamente povoada e a que apresenta as estruturas mais precárias. Embora a Zona Sul também apresente grande densidade populacional, ao contrário da Zona Norte, possui estruturas consolidadas que atendem às demandas das pessoas que ali vivem ou trabalham.

É bastante controversa a questão que envolve as possíveis vantagens de se realizar um megaevento como os Jogos Olímpicos. Enquanto há os que acreditam que a cidade tem apenas a ganhar com as intervenções previstas, existem correntes que concluem que um evento desta magnitude serve apenas para camuflar a ação do capital, o qual intensificaria as diferenças entre os ricos e pobres. Independentemente da perspectiva, o fato é que a candidatura do Rio de Janeiro poderia ter distribuído melhor os equipamentos previstos para a realização da Olimpíada de maneira a direcionar a maior parte dos investimentos às regiões mais carentes.

Segundo a Matriz de Responsabilidades (documento que fixa o ente federativo responsável pela execução de cada projeto previsto para o evento), as execuções que já contavam com os projetos técnicos aprovados equivaliam, em janeiro de 2014, a R\$ 5,64 bilhões. Deste total, R\$ 4,18 bilhões serão advindos de parcerias com o setor privado e o restante, R\$ 1,46 bilhão, de recursos diretos do poder público. A noção da importância dada à região da Barra da Tijuca fica evidente quando consideramos que R\$ 5,4 bilhões serão destinados à implantação da estrutura necessária à realização dos Jogos naquela porção da cidade.

A opção do Rio de levar a Olimpíada a uma região já valorizada reafirma as diferenças entre as regiões e acentua a disparidade entre providos e desprovidos. A leitura dos dispositivos legais sob uma perspectiva mais humana consideraria um equívoco a escolha da Barra da Tijuca como a principal região de investimentos para a Olimpíada.

A Constituição Federal (CF) de 1988, por exemplo, em seu art. 6º, inclui a moradia como um dos direitos sociais fundamentais e o art. 23, inc. IX, coloca que a promoção de programas de construção de moradias e de melhoria das condições habitacionais e de saneamento básico são deveres comuns da União, dos Estados e dos Municípios. A Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001, conhecida como Estatuto da Cidade, veio regulamentar o Capítulo II, Da Política Urbana, arts. 182 e 183 da CF de 1988. Em seu art. 1º, parágrafo

único, a Lei diz que veio para estabelecer normas que regulamentam o uso da propriedade em prol do bem coletivo. A seguir, o art. 2º, inc. XIV, diz que a regularização fundiária e urbanização de áreas ocupadas por famílias de baixa renda será uma das diretrizes que nortearão a política urbana, baseada nas funções sociais da cidade e da propriedade urbana.

Se formos para o âmbito estadual e municipal, não encontraremos um cenário muito diferente. A Constituição do Estado do Rio de Janeiro e a Lei Orgânica do Município do Rio de Janeiro reforçam a moradia digna como direito social. A Lei Orgânica Municipal, no Capítulo V, Da Política Urbana, art. 423, determina que a municipalidade, para cumprir os objetivos e diretrizes da política urbana, agirá sobre a oferta do solo de maneira a impedir a retenção especulativa. Sabe-se, por exemplo, que a empresa responsável por construir o complexo habitacional para a Vila Olímpica, a Carvalho Hosken, é grande detentora de inúmeros terrenos na região da Barra da Tijuca. Assim como outras empresas do setor imobiliário, apenas aguarda uma valorização ainda maior de suas propriedades para poder lançar seus empreendimentos imobiliários de alto padrão, pois esperam retorno financeiro ainda maior com suas unidades habitacionais.

Tendo em vista a existência da comunidade da Vila Autódromo (vide Foto 9), não seria plausível uma urbanização adequada às condições locais, sem que seja necessária a remoção de todas as famílias para outra área, ainda que seja na mesma região? A resposta poderia ser óbvia se não fosse pela relevância maior dos interesses imobiliários. Uma comunidade pobre desvaloriza os terrenos vizinhos. Embora existam outras comunidades na área, a Vila Autódromo, ainda que fosse urbanizada, seria uma ilha pobre em meio aos condomínios de alto padrão da Barra da Tijuca e Jacarepaguá. A opção escolhida pela Prefeitura é levar todos para a Estrada dos Bandeirantes, aos pés da serra, bem longe da vista da classe média que ocupará a região em um futuro próximo, já que o Parque Olímpico será revertido para o uso empresarial e residencial após a realização do evento. Por que não se declara a Vila Autódromo como Área Especial de Interesse Social, tão destacada no Plano Diretor Municipal e damos a oportunidade de as pessoas ali permanecerem dignamente?



Foto 9 – A precariedade da maior parte das habitações da Vila Autódromo em condições não ideais de infraestrutura e oferta de serviços públicos. Fonte: Associação de Moradores da Vila Autódromo/Plano Popular da Vila Autódromo.

Não se defende aqui a permanência da comunidade de Vila Autódromo nas atuais condições, que são indignas e insalubres, como em outras inúmeras comunidades do Rio de Janeiro. O que se questiona é que o bem coletivo, o interesse coletivo tão defendido nos dispositivos legais, está sendo suprimido em detrimento dos interesses de um pequeno grupo, formado pelos proprietários das grandes empresas do setor imobiliário. Como o modo legado prevê, a área destinada ao Parque Olímpico será convertida em um bairro planejado para as classes média e alta. Assim, se é para, no final das contas, servir à habitação, porque não deixar a população instalada ali e proceder às melhorias necessárias para sua vida digna?

A visão geral sobre a situação, portanto, é a de que a legislação está sendo interpretada com o objetivo de favorecer o capital imobiliário carioca e não a população mais vulnerável. Desta forma, todo o planejamento feito e em execução visa apenas a segregar e a fortalecer ainda mais as diferenças entre os desprovidos e os abastados. E mais, que o Rio de Janeiro perdeu uma grande oportunidade de tentar tornar-se mais humana, utilizando-se do lado humanitário do planejamento. Embora pareça difícil, ou até mesmo incongruente, a Olimpíada poderia, sim, ser utilizada como um grande catalisador de mudanças necessárias à cidade, tornando-a menos díspar. Contudo, as autoridades preferiram realçar ainda mais a diferença entre seus cidadãos, direcionando os investimentos previstos para uma das regiões mais ricas da cidade.

4.1 CONTRAPARTIDAS: PROGRAMAS E AÇÕES GOVERNAMENTAIS NO SETOR HABITACIONAL

A vila destinada aos atletas geralmente costuma ser um dos grandes legados deixados à cidade que realizou uma olimpíada. Contudo, no caso carioca, talvez este fato não se repita.

Cabe ressaltar um fato interessante que coloca o Rio de Janeiro em condição desfavorável em relação às outras cidades que sediaram uma olimpíada: é uma cidade de um país periférico. À exceção da Cidade do México que realizou o evento em 1968, todas as outras cidades que sediaram Jogos Olímpicos se situavam em países centrais, desenvolvidos. Ainda que o movimento olímpico moderno seja relativamente recente, tendo se firmado em 1896 com os primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna em Atenas, as edições que se seguiram foram todas disputadas em países com qualidade de vida considerável, sem os grandes contrastes que se verificam na atual sociedade brasileira, ainda que consideremos a qualidade de vida nas cidades-sede no final do século XIX e início do XX.

Os Jogos Olímpicos sempre foram um evento para poucos, pois ainda na Grécia antiga, nem todos tinham condições de se deslocar até Olímpia para acompanhar as competições. Olímpia era, basicamente, uma cidade destinada ao culto dos deuses, ficando quase vazia durante a maior parte do tempo. A exceção, logicamente, era à época da realização dos Jogos Olímpicos, em que todos que podiam se deslocar iam até aquela cidade para assistir às celebrações e competições que compunham o evento.

A transposição para os dias atuais não faz muita diferença neste quesito. O inchaço do evento e sua mercantilização faz com que prestigiá-lo tenha um custo considerável. Os ingressos costumam ser caros (no Rio, o preço variará entre R\$ 40 e R\$ 4.600,00)¹², sendo apenas as classes mais privilegiadas as que têm condições de comprá-los. Nos países que receberam o evento antes do Brasil há maior isonomia entre as classes. Aqui, contudo, ainda que tenhamos evoluído no que diz respeito à distribuição de renda, o abismo que separa os ricos e pobres é gigantesco¹³.

Transpondo isso para os apartamentos da Vila Olímpica, significa que, por exemplo, as unidades residenciais construídas no Rio serão, obviamente, destinadas a um seletivo grupo

¹² O Comitê Organizador dos Jogos Rio 2016 divulgou os preços dos ingressos a serem vendidos para a olimpíada do Rio. A entrada mais barata custará R\$ 40,00 e a mais cara, R\$ 4.600,00 (o valor mais elevado é para assistir à cerimônia de abertura do evento. Para os eventos esportivos, o valor mais alto é R\$ 1.200,00).

¹³ Dentre os países que sediaram ou vão sediar os Jogos Olímpicos, o Brasil é o mais dispar de todos, conforme análise do Índice de Gini. Dentre 141 países, o Brasil ficou em 16º lugar. Ou seja, a décima sexta pior distribuição de renda entre os países pesquisados (conforme The World Factbook, da Central Intelligence Agency) (Ver referência completa no final do trabalho).

de pessoas. Nos países que já realizaram o evento a proporção de pessoas na população que teriam condições financeiras para a compra de um imóvel no padrão olímpico é bem maior que no Brasil, uma vez que seremos o país mais socialmente díspar a realizar uma edição olímpica. Neste sentido, a realização dos Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro será um excesso.

Considerando, pois, o fato de que as unidades residenciais olímpicas não terão o impacto esperado na redução do déficit habitacional na municipalidade carioca, resta ao poder público a implantação de programas e ações que visem à redução da desigualdade por outras vias. Vejamos, a seguir, algumas delas¹⁴.

O Governo Municipal desenvolve alguns programas que visam dar mais dignidade às pessoas por meio de construções de novas unidades habitacionais, (re)urbanização de áreas tidas como irregulares, reforma e ocupação de imóveis que estejam em áreas com infraestrutura instalada para o atendimento às necessidades básicas das pessoas.

No âmbito federal, a Prefeitura age por meio da parceria com a Caixa Econômica Federal, cadastrando famílias para a posterior habilitação a receberem uma unidade habitacional por meio do Programa Minha Casa Minha Vida, a política habitacional do Programa de Aceleração do Crescimento onde os imóveis são financiados pelo Governo Federal em até trinta anos, com reduzidas parcelas mensais.

A Prefeitura do Rio de Janeiro foi a primeira no Brasil a assinar, em 2009, o Termo de Adesão ao Programa Federal Minha Casa, Minha Vida. A parceria colocou a municipalidade em destaque no cenário nacional acerca do desempenho no programa. Os números colocam o Rio de Janeiro como a primeira cidade no Brasil em produção de moradias segundo o Minha Casa Minha Vida. Estão em vigência, atualmente, contratos que garantem aproximadamente 66.270 unidades habitacionais construídas com financiamento junto à Caixa Econômica Federal (ver Foto 10). Deste total, 33.363 unidades são destinadas às famílias com renda de até R\$ 1.600,00; para as famílias que possuem renda entre R\$ 1.600,01 e R\$ 3.275,00, 11.612 unidades; outras 16.450 moradias foram destinadas para famílias com renda entre R\$ 3.275,01 a R\$ 5.000,00. Foram, ainda, contratadas 4.845 unidades diretamente por pessoas físicas e jurídicas.

O Minha Casa Minha Vida tem como meta a construção de moradias para famílias que ganham até R\$ 5 mil, priorizando aquelas que ganham de até R\$ 1.600,00, faixa que concentra 90,9% do déficit habitacional. A prestação mínima mensal, para as famílias de

¹⁴ Todas as informações aqui registradas acerca dos programas habitacionais desenvolvidos pela Prefeitura do Rio de Janeiro, incluindo as imagens, foram retiradas do sítio da Secretaria Municipal de Habitação na internet em maio de 2013.

menor renda, será de R\$ 25,00, corrigida pela Taxa Referencial, ou a máxima, que será equivalente a 5% da renda, por 10 anos. O financiamento, para estes casos, destina-se para imóveis que possuem o valor máximo de R\$ 75.000,00. As famílias que ganham de R\$ 1.600,01 a R\$ 5.000,00 têm o subsídio de acordo com a renda e o financiamento é de até 100% do valor do imóvel em até 30 anos, tendo como limite a aquisição de propriedade de até R\$ 190.000,00.



Foto 10 – Um dos conjuntos habitacionais construídos com recursos do Programa Minha Casa Minha Vida em parceria com a Prefeitura do Rio. Mais de cinquenta mil famílias já foram beneficiadas pelo programa. Fonte: Divulgação/Prefeitura do Rio.

Outra iniciativa, o Plano Municipal de Integração de Assentamentos Precários Informais, conhecido como Morar Carioca age por meio de intervenções em comunidades assentadas em áreas irregulares. O programa consiste em, por meio de estudos de viabilidade, implantar as estruturas necessárias para que as pessoas possam ter acesso aos serviços cotidianos básicos, como instalação de redes de água e esgoto, energia e comunicações, saúde, transporte e educação. Isso se dá mediante a construção de ruas, postos de saúde, escolas e creches, além de intervir na estrutura física da comunidade visando à melhor circulação.

Para as comunidades assentadas sobre áreas não urbanizáveis, são feitos estudos que visem à retirada das pessoas do local atual e posterior transferência para unidades habitacionais construídas com recurso disponibilizados pelo Minha Casa Minha Vida.

O Morar Carioca é ambicioso: se propõe a intervir em todas as favelas do Rio de Janeiro até o ano de 2020. É uma das metas pactuadas com o Comitê Olímpico Internacional para o legado dos Jogos à cidade (vide Foto 11).



Foto 11 – Algumas das ações do programa Morar Carioca, que se propõe intervir em todas as favelas cariocas até 2020, melhorando as condições de vida das pessoas por meio de ações na estrutura urbana dos assentamentos, como a implantação de sistemas de esgoto, limpeza e pavimentação de vias de circulação. Fonte: Divulgação/Prefeitura do Rio.

Algumas iniciativas também fazem parte da atuação da prefeitura no setor de habitação. Uma delas é a regularização fundiária, ação que visa tornar legais Áreas de Especial Interesse Social, como favelas, reassentamentos, loteamentos e conjuntos habitacionais, espalhados por toda a cidade. Uma parceria com o Ministério Público tenta viabilizar e assegurar a posse e o título da propriedade do imóvel às possíveis famílias beneficiadas.

Já o Programa Novas Alternativas age na remoção de famílias que atualmente ocupam áreas ou imóveis em condições irregulares para imóveis já providos de estrutura. A intenção é reformar prédios localizados na região central da cidade e dar condições para que sejam ocupados por famílias. Como toda a estrutura de transportes, rede de água e esgoto já está instalada, apenas uma reabilitação é necessária para que haja a conversão do imóvel em lar para várias famílias. A maioria dos imóveis que compõe o programa é de cortiços, prédios históricos construídos na região pioneira da cidade, que, com o passar dos anos, foram sendo abandonados. Revitalizados, os imóveis passam a compor a estrutura ativa da cidade, ajudando a diminuir o déficit habitacional no Rio.

Há de se destacar o Projeto Mutirão, que tem por objetivo o recrutamento de pessoas da própria comunidade para a execução de serviços de revitalização de pequenas áreas e pintura de fachadas. As equipes geralmente são formadas por 15 pessoas, onde cada uma recebe um valor para cada dia trabalhado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização de grandes eventos tem atraído a atenção de muitas cidades mundo afora. Todas elas estão à procura dos investimentos estrangeiros trazidos pela realização de eventos globais, como os Jogos Olímpicos. A visibilidade trazida pela realização de um evento de grande porte dá as condições necessárias para que a cidade possa exibir-se em uma vitrine internacional, onde a aglomeração urbana é exibida como se uma mercadoria fosse, reforçando e intensificando a ação do capital internacional.

Sob este cenário, o Rio de Janeiro tem se esforçado, principalmente desde a década de 1990, para firmar-se no mercado internacional como uma cidade dinâmica e competitiva, suficientemente capaz de realizar grandes eventos e atrair mais e mais investimentos estrangeiros. A cessão à cidade do direito de realizar os Jogos da XXXI Olimpíada da Era Moderna em 2016 é o resultado de um esforço que envolveu anos de planejamento.

Entretanto, conforme o exposto, o planejamento para a realização da olimpíada no Rio de Janeiro não foi feito pensando nas pessoas que vivem na cidade. A intenção é mostrar a parte bonita da cidade aos turistas e vendê-la como produto no mercado internacional, tal como um dos fundamentos do planejamento estratégico. Entre o planejamento para os possíveis Jogos de 2004 e os de 2016 mudanças drásticas foram constatadas. Embora tais mudanças tenham levado a cidade ao sucesso na empreitada, a população e a habitação social não sairão tão beneficiadas assim como querem passar os governantes à opinião pública.

No que diz respeito ao setor habitacional, houve grande prejuízo à cidade, pois deixou de dar estrutura e melhorar as condições de uma região degradada da cidade para valorizar uma região que, sem necessidade de intervenção estatal, já é muito valorizada. A mudança do planejamento de tirar o foco da região da Ilha do Fundão e levar os holofotes para a Barra da Tijuca não tem muito o que acrescentar de melhorias à cidade, pois, com exceção do setor imobiliário, que tem seus lucros cada vez maiores, a população que necessita de moradias não vai poder se beneficiar das unidades habitacionais construídas para o evento, haja vista seu alto custo.

A Barra da Tijuca tem um histórico de valorização das classes de alto poder aquisitivo. A construção da principal vila olímpica naquela região, portanto, corroborará ainda mais esta constatação. Seu modo legado será unidades habitacionais de alto padrão, o que reforçará ainda mais o perfil rico da região, fortalecendo o a segmentação social e a fragmentação espacial entre ricos e pobres na cidade do Rio de Janeiro.

Portanto, ao invés de se utilizar dos Jogos para dar novo ânimo à cidade, por meio de consideráveis intervenções na malha urbana carente de melhorias, como em outras cidades que sediaram olimpíadas anteriores, o Rio, influenciado excessivamente pelos ditames do agressivo planejamento estratégico atual, optou por passar ao mundo uma visão elitista do urbano, que não reflete o que a cidade apresenta de diversidade e não explora devidamente suas potencialidades. A cidade perdeu uma oportunidade única de tentar amenizar suas desigualdades sociais e espaciais que há muito fazem parte de seu cotidiano.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Silvia Cristina Franco et al. A sociedade civil e os conflitos na construção dos megaeventos esportivos no Brasil. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 29, n. 2, ago. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922014000200015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 out. 2014.

ARANTES, Otilia; MARICATO, Ermínia; VAINER, Carlos. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. 192 p.

ASSOCIAÇÃO DE DIRIGENTES DE EMPRESAS DO MERCADO IMOBILIÁRIO - ADEMI. **A Nova Vila Autódromo**. Rio de Janeiro. Disponível em <www.ademi.org.br/article.php?id_article=52456>. Acesso em: 15 de maio de 2013.

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES E PESCADORES DA VILA AUTÓDROMO – AMPVA. **Plano Popular da Vila Autódromo – Plano de desenvolvimento urbano, econômico, social e cultural**. Disponível em: <<http://comitepopulario.files.wordpress.com/2012/08/planopopularvilaaudromo.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2013.

BARRETO, Marcelo; FREITAS, Armando. **Almanaque Olímpico SPORTV**. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: COB Cultural, 2012. 304p.: il.

BLOOMBERG BUSINESS WEEK. **The waste and corruption of Vladimir Putin’s 2014 Winter Olympics**. Disponível em: <<http://www.businessweek.com/articles/2014-01-02/the-2014-winter-olympics-in-sochi-cost-51-billion>>. Acesso em: 2 jun. 2014.

BRASIL. **Jogos Rio 2016 – Acomodações**. Portal da Transparência. Disponível em: <<http://www.portaldatransparencia.gov.br/rio2016/acomodacoes/outrasvilas/>>. Acesso em: 2 jul. 2013.

_____. **Jogos Rio 2016 – Matriz de Responsabilidades**. Portal da Transparência. Disponível em: < <http://transparencia.gov.br/rio2016/paginas/matriz-de-responsabilidades.asp> >. Acesso em: 20 ago. 2014.

_____. Ministério do Esporte. **Relatório – Jogos Pan-americanos e Parapan-americanos Rio 2007**. 1 v. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/arquivos/publicacoes/panVolume1.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2013.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 19 abr. 2013.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei n. 10.257, de 10 de julho de 2001. Regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110257.htm>. Acesso em: 19 abr. 2013.

BUSINESS INSIDER. **Brazil built the world's second-most expensive soccer stadium in a city with no pro team**. Disponível em: <<http://www.businessinsider.com/brazils-world-cup-problems-with-corruption-2014-5>>. Acesso em: 5 jun. 2014.

CHALKLEY, Brian; ESSEX, Stephen. **Olympic Games: catalyst of urban change**. London: Leisure Studies, 1998. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/026143698375123>>. Acesso em: 7 jul. 2013.

COMITÊ DE CANDIDATURA RIO 2016. **Dossiê de Candidatura do Rio de Janeiro a sede dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016**. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.rio2016.com/transparencia/documentos>>. Acesso em: 7 jul. 2013.

COMPANS, Rose. **Empreendedorismo urbano: entre o discurso e a prática**. São Paulo: Editora UNESP, 2005. 303 p.

CONSÓRCIO PORTO MARAVILHA. Vila dos Árbitros e Mídia. Disponível em <<http://invistanoport.com.br/porto-vida-residencial-2/>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

CURI, Martin. A disputa pelo legado em megaeventos esportivos no Brasil. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v. 19, n. 40, dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832013000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 out. 2014.

DUARTE, Fábio; CZAJKOWSKI JUNIOR, Sérgio. Cidade à venda: reflexões éticas sobre o marketing urbano. **Rev. Adm. Pública** [online], v. 41, n. 2, p. 273-282, 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-76122007000200006>>. Acesso em: 5 jun. 2014.

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE FOOTBALL ASSOCIATION – FIFA. **FIFA World Cup competition records**. Disponível em: <http://www.fifa.com/mm/document/fifafacts/mencompwc/51/97/30/fs-301_01a_fw-c-stats.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2014.

FERREIRA, Alvaro. **A cidade no século XXI: segregação e banalização do espaço**. Rio de Janeiro: Consequência, 2011. 296 p.

FORBES. Most visited cities in the world 2013. Disponível em <<http://www.forbes.com/pictures/efik45iifi/most-visited-cities-in-the-world-2013-21/>>. Acesso em: 11 out. 2014.

G1 Rio. **Prefeitura do Rio começa a demolir casas da Vila Autódromo**. 26 mar 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/03/prefeitura-do-rio-comeca-demolir-casas-da-vila-autodromo.html>>. Acesso em: 30 mar. 2014.

GIESBRECHT, Ralph Mennucci. **Estações Ferroviárias do Brasil**. Disponível em <http://www.estacoesferroviarias.com.br/rj_alfa.htm>. Acesso em: 2 jun. 2014.

GODOY, Lauret. **Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga**. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2001. 132p.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – IPEA. **Nota Técnica – Estimativas do déficit habitacional brasileiro (2007-2011) por Municípios (2010)**. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/130517_notatecnicadirur01>. Acesso em: 20 jun. 2013.

LEITE, Almir. Custo da Copa bate em R\$ 26 bilhões de acordo com Matriz de Responsabilidade. In: **O Estado de S. Paulo**, 4 mar. 2014. Disponível em: <<http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,custo-da-copa-bate-em-r-26-bilhoes-de-acordo-com-matriz-de-responsabilidade,1136971>>. Acesso em: 5 jun. 2014.

MAGALHÃES, Alexandre. O "legado" dos megaeventos esportivos: a reatualização da remoção de favelas no Rio de Janeiro. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v. 19, n. 40, dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832013000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 12 out. 2014.

MAGALHÃES, Luiz Ernesto. O GLOBO. Vila autódromo: remoção só em 2014. In: **O Globo**, 17 jan. 2013. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/rio/vila-autodromo-remocao-so-em-2014-7329224>>. Acesso em: 12 de maio de 2013.

MUÑOZ, Frances. **Historic evolution and urban planning typology of Olympic Villages**. Barcelona: Centre d'Estudis Olímpics UAB, 1997. Disponível em: <http://olympicstudies.uab.es/pdf/wp091_eng.pdf>. Acesso em: 9 fev. 2013.

ORGANISING COMMITTEE OF THE SUMMER OLYMPIC GAMES ATLANTA 1996. **The Official Report of the Centennial Olympic Games: Atlanta 1996**. Atlanta: Peachtree publishers, 1997. Disponível em: <<http://doc.rero.ch/record/209555?ln=en>>. Acesso em: 2 jun. 2014.

PENNA, Nelba Azevedo. Empreendedorismo e planejamento urbano em Brasília: da máquina de morar à máquina de crescimento urbano. In: PEREIRA, Elson Manoel (Org.). **Planejamento urbano no Brasil**. 2. ed. Chapecó, SC: Argos Editora da Unochapecó, 2013.

_____. Planejamento urbano e estratégias empreendedoras em Brasília. **Finisterra – Revista Portuguesa de Geografia**, Lisboa, v. XLVII, n. 93, p. 109-127, 2012. Disponível em: <<http://www.ceg.ul.pt/finisterra/>>. Acesso em: 2 jun. 2014.

RIO DE JANEIRO. Estado do Rio de Janeiro. **Constituição do Estado do Rio de Janeiro**. 1989. Disponível em: <<http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/constest.nsf/PageConsEst?OpenPage>>. Acesso em: 19 abr. 2013.

RIO DE JANEIRO. Câmara Municipal. **Plano Diretor do Município do Rio de Janeiro**. Disponível em: <http://www.camara.rj.gov.br/control_e_atividade_parlamentar.php?m1=legislacao&m2=plan_dircid&url=http://mail.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/contlei.nsf/d25dec442e68164c032577120066b713/cdd6a33fa14df524832578300076df48?OpenDocument>. Acesso em: 19 abr. 2013.

RIO DE JANEIRO. Prefeitura Municipal. **Instituto Pereira Passos**. Disponível em: <<http://www.ipprio.rio.rj.gov.br/o-instituto-2/historia/>>. Acesso em: 12 maio 2013.

_____. Prefeitura Municipal. **Lei Orgânica do Município**. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/1659124/DLFE-222901.pdf/LeiOrganica.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2014.

_____. Prefeitura Municipal. **Plano Estratégico da Prefeitura do Rio de Janeiro 2009-2012**. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/ebooks/planejamento_estrategico_2016/>. Acesso em: 13 jan. 2014.

_____. Prefeitura Municipal. **Plano Estratégico da Prefeitura do Rio de Janeiro 2013-2016**. Disponível em: <http://www.conselhodacidade.com/v3/Book_PlanejamentoEstrategico-p2016/index.html>. Acesso em: 20 jan. 2014.

_____. Prefeitura Municipal. **Secretaria Municipal de Habitação**. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/web/smh/>>. Acesso em: 12 maio 2013.

CORUCHAUD, Guilherme. **A reforma urbana de Pereira Passos no Rio de Janeiro**. Portal Arquitetônico. Disponível em: <<http://portalarquitetonico.com.br/a-reforma-urbana-de-pereira-passos-no-rio-de-janeiro/>>. Acesso em: 6 jun. 2014.

SECOVI-RIO. Sindicato da Habitação do Rio de Janeiro. Imóveis ofertados para a venda (valor em m²) maio/2014. Disponível em: <http://www.secovirio.com.br/media/m2_comp_res_ven.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2014.

SOUZA, Leonardo. A lição que vem do Rio. **Época**, São Paulo, n. 771, p. 38-42, 04 mar. 2013.

UNITED STATES GOVERNMENT. Central Intelligence Agency. **The World Factbook. Country Comparison - Distribution of Family Income - Gini Index**. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/rankorder/2172rank.html>>. Acesso em: 7 jun. 2014.